

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

PATRÍCIA NATTES DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DO HUMOR NO CANAL YOUTUBE: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DOS ESQUETES SOBRE EDUCAÇÃO**

CÁCERES-MT

2021

PATRÍCIA NATTES DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DO HUMOR NO CANAL YOUTUBE: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DOS ESQUETES SOBRE EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do Professor Dr. Flávio Roberto Gomes Benites.

CÁCERES-MT

2021

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

SANTOS, Patrícia Nattes dos.
S237a A Construção do Humor no Canal Youtube: Uma Análise
Discursiva dos Esquetes Sobre Educação / Patrícia Nattes dos
Santos – Cáceres, 2021.

77 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e
Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de
Mato Grosso, 2021.

Orientador: Flávio Roberto Gomes Benites

1. Discurso. 2. Ensino. 3. Mídia. 4. Humor. I. Patrícia Nattes
dos Santos. II. A Construção do Humor no Canal Youtube: Uma
Análise Discursiva dos Esquetes Sobre Educação: .

CDU 81'42:004.738.5

PATRÍCIA NATTES DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DO HUMOR NO CANAL YOUTUBE: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DOS ESQUETES SOBRE EDUCAÇÃO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Roberto Gomes Benites
Orientador – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Joelma Aparecida Bressanin
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Ilka de Oliveira Mota
Avaliadora Externa – UFSCar

APROVADA EM 24/03/2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por tamanha generosidade em conceder a oportunidade para que eu pudesse realizar meu sonho e tantos outros durante esses anos de vida.

Agradeço, ainda, em especial:

À minha família, pelo amor e paciência que dedicam a mim. Principalmente, aos meus pais Valdir dos Santos e Aurea Nates dos Santos, que me incentivaram constantemente para a busca pelo conhecimento, assim como, a independência intelectual, financeira e emocional.

Aos meus filhos, Vinícius Nattes Luciano e principalmente minha filha Mirella Nates Luciano, minha companheira de todos os momentos, e que muitas vezes foram privados de minha presença em virtude dos meus estudos.

Ao meu companheiro que sempre apoiou e incentivou a realização desse sonho.

Às minhas irmãs Fabrícia Nates dos Santos Galvão e Franciele Nates dos Santos por terem contribuído direta ou indiretamente na realização deste trabalho, ouvindo e incentivando sempre.

Aos meus amigos, José Ricardo Menacho, Maria Norma Lopes Souza Silva, Leidilene de Souza Rodrigues, Fábria Cristina Sales Neves, que durante todo o tempo compartilharam das minhas angústias e ajudaram a ampliar meus conhecimentos. Muitas vezes, lendo meus trabalhos e fazendo indicações para que pudesse melhorar ainda mais.

Ao meu admirável orientador, Professor Dr. Flávio Roberto Gomes Benites, pelos conhecimentos compartilhados e, também, pela oportunidade e confiança que depositou em mim como orientanda.

À banca de qualificação e defesa, professora Dr. Joelma Aparecida Bressanin, por fazer parte da minha vida acadêmica e participar desse momento tão importante trazendo considerações para o nosso trabalho.

Agradeço a professora Dra. Ilka de Oliveira Mota, por dispor do seu tempo, pela acolhida e acessibilidade, e principalmente por aceitar fazer parte e contribuir com seus conhecimentos neste trabalho.

A todos os amigos que o Programa de Pós-Graduação proporcionou conhecer.

À CAPES, pela bolsa concedida no primeiro ano da Pós-Graduação.

“O humor é a arte de virar no avesso, repentinamente, o manto da aparência, para pôr à mostra o forro da verdade”.

Luciano Folgore

RESUMO

Propomos, neste trabalho, inscrito na linha de pesquisa *Estudos de Processos Discursivos* do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, compreender o modo como circulam na mídia as representações da instituição escolar e o lugar que ocupam os sujeitos professor e aluno, pelo viés humorístico. A partir daí, levantamos os seguintes questionamentos: quais efeitos de sentido são produzidos pelo discurso humorístico? Como são representados a instituição escolar e seus respectivos integrantes na mídia digital? E para responder a essas indagações, apresentamos como proposta, uma análise discursiva de vídeos humorísticos que circulam no YouTube sobre educação. Para tanto, selecionamos como *corpus* de análise 6 esquetes de humor das produtoras *Porta dos Fundos* e *Parafernália*, exibidos entre o período de 2014 a 2020. Nosso arcabouço teórico relaciona as leituras sobre humor a partir das concepções de Freud (1905), Bergson (2018) e Possenti (2010) com as sustentações da Análise do Discurso, especialmente no que se refere aos conceitos de memória discursiva (Pêcheux, 1983), formulação e circulação (Orlandi, 2012), entre outros colaboradores. Ao final do empreendimento analítico, observamos como se constitui o discurso da mídia digital, o qual tende a apresentar a educação e seus integrantes de forma estereotipada, de modo que o humor é explorado nesses esquetes com vistas à crítica social e, assim, recriam no imaginário do leitor/ouvinte outros sentidos possíveis. Por meio da compreensão do fazer humorístico, contribuimos para pensar o modo como a mídia digital tenta controlar os sentidos sobre educação, ainda que esta sempre encontre uma maneira de resistir.

Palavras-Chave: discurso, ensino, mídia, humor.

ABSTRACT

We propose, in this work, enrolled in research Studies of Discursive Processes of the Postgraduate Program in Linguistics at the University of the Mato Grosso State – UNEMAT, to understand the way the media builds representations of the school institution and the relationship with the subjects teacher and student, by the humorous bias. From then on, we raise the following questions: which effects of meaning are produced by the humorous speech? How are the school and its respective members represented in digital media? And to answer these inquiries, we present as a proposal, in this dissertation, a discourse analysis of humorous videos that circulate on YouTube about education. For that, we selected as corpus of analysis 6 mood sketches of the producers Porta dos Fundos and Parafernália, displayed between 2014 and 2020. Our theoretical framework relates the readings about humor from the conceptions of Freud (1905), Bergson (2018) and Possenti (2010) with the support of the Discourse Analysis, especially regarding the concepts of discursive memory (Pêcheux, 1983), formulation and circulation (Orlandi, 2012), among other collaborators. At the end of the analytic endeavor, we observe how digital media discourse is constituted, which tends to present education and its members in a stereotyped way, so that humor is explored in these sketches to recreate in the reader/listener's imaginary possible meanings. Through the understanding of humor making, we contribute to thinking about the way digital media tries to control the senses about education, even if it always finds a way to resist.

Keywords: Discourse, Teaching, Media, Humor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logotipo Porta dos Fundos	32
Figura 2 - Ensino	33
Figura 3 - Escola sem partido / Porta dos Fundos	43
Figura 4 - Escola sem partido (Professora) / Porta dos Fundos	45
Figura 5 - Merenda	48
Figura 6 - Escola sem partido/ Parafernália.....	53
Figura 7 - Escola sem partido/ Parafernália.....	55
Figura 8 - Tipos de alunos	58
Figura 9 - Tipos de alunos	61
Figura 10 - Tipos de alunos	62
Figura 11 - Frases de Professor na aula online.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	11
1. ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO	11
1.1 Formação Discursiva: um percurso de Foucault a Pêcheux	12
1.2 Formação ideológica	14
1.3 Memória discursiva	15
1.4 Formulação e Circulação	17
1.5 Arquivo	18
1.6 Sujeito	19
CAPÍTULO II	21
2. DISCURSO HUMORÍSTICO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS	21
2.1 Mídia e humor: produção e circulação de sentidos	23
2.2 Campo da comicidade e as relações com o sujeito leitor/ouvinte	25
2.3 A constituição do imaginário de educação	28
CAPÍTULO III	30
3. ANÁLISE DO CORPUS	30
3.1 Gestos de interpretação sobre o discurso humorístico na mídia digital: atuação Porta dos Fundos	31
3. 2 Deslocamentos de sentidos ou os mesmos sentidos no discurso humorístico da produtora Parafernália?	51
CONSIDERAÇÕES	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

INTRODUÇÃO

No meio educacional, nos deparamos com muitas situações inusitadas, por vezes, difíceis de lidar. No entanto, o que nos mantém firmes na caminhada, rumo ao ensino aprendizagem, é a vontade de fazermos a diferença e realizarmos algo que seja realmente significativo. O que, de certo modo, justifica o interesse pelo objeto de estudo deste trabalho, pois, a escola e as questões relacionadas ao ensino fazem parte do meu cotidiano, e, por isso, me fazem pensar como este ensino é representado, imaginado, definido por estereótipos, pois o tema está sempre em destaque na/pela mídia e sociedade em geral.

Algumas mídias reproduzem certos preconceitos, imaginários já cristalizados, mas outras vão enunciar de outro lugar no discurso, vão construir outros espaços, abrir a possibilidade de outras interpretações. Sendo assim, é relevante justamente analisar o modo como isso é discursivizado.

Em um contexto de globalização, a mídia exerce grande influência e poder sobre as pessoas, principalmente em se tratando do movimento de *circulação*, que produz o efeito de sentido de informação, conhecimento e veracidade. Desse modo, ao considerarmos o discurso da mídia como prática discursiva da linguagem, precisamos analisar sua materialidade, pois, a ideologia materializa-se no discurso. E, os sentidos vão se constituindo, assim como o sujeito, pela relação simultânea entre história e conflitos ideológicos. Para tanto, é importante perceber o funcionamento da língua para a produção de sentidos, pois, segundo Orlandi (2005, p. 17) “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.

Dessa forma, a linguagem atua como mediadora na relação entre o discurso, a constituição do sujeito pela ideologia e a história, determinada principalmente pelo contexto material de existência; discursivamente o contexto material nos remete a uma sociedade que não é inerte, há constantes movimentos que evidenciam através de diferentes materialidades diferentes sentidos.

No que diz respeito à educação, sempre chamou nossa atenção a gama de discursos humorísticos que circulam nos mais variados espaços, mais especificamente no contexto escolar. Nesse sentido, nosso estudo se preocupa em compreender os sentidos do imaginário sobre a educação postos em circulação pela mídia.

Dentre as diversas razões, para a realização deste trabalho, podemos elencar que a pesquisa visa contribuir com estudos sobre o humor, na relação com o funcionamento discursivo que ocorrem entre a linguagem verbal e visual para tratar questões sociais.

Por este motivo, acreditamos que o esquete, gênero de discurso pertencente ao campo da comicidade, e que circula na rede, é um material farto para a nossa análise.

Nessa perspectiva, o nosso objetivo geral é compreender, pelo viés humorístico, o modo como circulam na mídia, as representações da instituição escolar e o lugar que ocupam os sujeitos professor e aluno, uma vez que acreditamos que a mídia digital desempenha um importante papel na constituição de sentidos. É nesse espaço de significação que o tema recortado nos suscitou os seguintes questionamentos: Como são representados a instituição escolar e seus respectivos integrantes na mídia digital (Youtube)? Que efeitos de sentido são produzidos pelo discurso humorístico a partir da sátira nos esquetes movimentados no Youtube? Qual a força desta estratégia discursiva no imaginário do sujeito leitor/ouvinte, a partir de uma leitura discursiva dos esquetes produzidos pelas produtoras Porta dos Fundos e Parafernália?

Considerando esses questionamentos, para o desenvolvimento deste trabalho, adotamos o ponto de vista teórico da Análise de Discurso proposto por Michel Pêcheux (2014), que considera o sujeito atravessado pelo inconsciente. Orlandi (2012), que trouxe noções importantes de formulação e circulação, entre outros autores que estudam questões relacionadas à mídia (tecnologia), dentre os quais está Dias (2007), que reflete sobre a sujeito e produção de sentidos no espaço digital. E, no que concerne ao discurso humorístico, Possenti (2010), que acredita ser “possível pensar o humor como um campo de discurso”, sendo assim, passíveis de análise.

Desse modo, nosso objetivo específico é analisar de que modo o discurso humorístico sobre a educação escolar é formulado e colocado em circulação na mídia digital procurando, sobretudo, dar visibilidade para o imaginário de educação.

Para tanto, analisamos arquivos constituídos por discursos humorísticos, ou seja, delimitamos o *corpus* desta pesquisa nos esquetes de duas produtoras de vídeo brasileira, Porta dos Fundos e Parafernália; a escolha se deu pelo fato de terem um grande número de acesso e seguidores na internet, o que garante uma circulação maior desse tipo de discurso. Ao todo, foram selecionados 6 esquetes que abordam nosso tema no contexto escolar, sendo três de cada produtora, cujos títulos são, respectivamente: “Ensino”; “Escola sem Partido”; “Merenda”; “Escola sem Partido”; “Tipos de alunos”; “Frases de professor na aula online”. Após a transcrição dos vídeos, fizemos os recortes verbais e não verbais, trazidos para discussões referentes à escola-professor-aluno divulgadas nos últimos seis anos.

Diante do exposto, o trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que, no primeiro capítulo, apresentamos de forma sucinta os aspectos teórico-epistemológicos da

Análise de Discurso, no qual discorremos sobre alguns conceitos basilares e fundamentais para nossa reflexão, tais como: formação discursiva, formação ideológica, memória discursiva, formulação e circulação do discurso, e a noção de arquivo.

Dando continuidade, no segundo capítulo, pautado na perspectiva discursiva, tratamos da rede social Youtube, e conseqüentemente, das produtoras de vídeos Porta dos Fundos e Parafernália e suas condições de produção, para destacar que os sentidos são levados em conta na relação da língua com a exterioridade. Buscamos apresentar as produtoras de esquetes enquanto mídia alternativa, e que, por sua vez, colabora na formulação e circulação dos esquetes, pois o efeito de humor produzido pela ironia e a sátira facilita a propagação e compartilhamento desse material, tendo em vista que são cenas discursivas de curta duração. Também, discutimos sobre as subclasses da comicidade, trazendo importantes considerações a partir de Freud (1905) sobre o chiste, o cômico e o humor, além de reflexões a respeito do nosso tema de pesquisa.

Por estar relacionado aos esquetes também foi preciso trazer como é imaginado a partir de outras mídias a noção de educação, e assim desenvolvermos a nossa análise.

No terceiro capítulo, considerando a relevância do gênero discursivo esquetes para a nossa pesquisa, apresentamos suas características enquanto prática discursiva e que constitui o corpus. E ainda, à luz da teoria introduzida nos capítulos anteriores, trazemos os resultados da análise realizada, buscando dar visibilidade ao modo de funcionamento produzidos no discurso da mídia digital pelo viés humorístico sobre a instituição escolar e seus integrantes.

Por fim, apresentamos as considerações finais a que nosso estudo nos conduziu; pela análise, pudemos perceber os diferentes modos de fazer humor pela mídia digital, por meio de recursos da linguagem e os sentidos que daí emergiram.

CAPÍTULO I

1. ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Este trabalho de pesquisa inscreve-se na perspectiva da Análise de Discurso de linha materialista, que surge como dispositivo teórico no final da década de 60, na França, tendo como precursor Michel Pêcheux e outros autores a ele filiado. No Brasil, a Análise de Discurso tem como principal representante Eni Orlandi, entre outros colaboradores.

Sobre as condições que propiciaram o surgimento dessa área do conhecimento, vale ressaltar que se deram perante um efervescente contexto político-social conturbado, na França. Além do fato de uma necessidade ocasionada pela evolução da ciência da linguagem.

Em linhas gerais, a Análise de Discurso trabalha a partir de três áreas do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, considerada, assim, como uma disciplina de entremeio. A linguística (língua) considerada a partir dos estudos de Ferdinand Saussure enquanto (estrutura). O marxismo (materialismo histórico) dando visibilidade para a questão da ideologia, ponderado por Althusser através da releitura das ideias de Marx. E a psicanálise lacaniana que considera o sujeito do inconsciente.

Pêcheux (2014 [1983]) assevera que a teoria passou por três fases, ou seja, houve um desenvolvimento teórico-metodológico da Análise de Discurso desde a década de 60, e até os dias atuais, a partir dos estudos da linguista Eni Orlandi. A primeira fase estava mais voltada para o estruturalismo, nas palavras de Pêcheux (2014b, p. 307) “máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma”. Nessa perspectiva, concebe-se a língua na sua totalidade (a exterioridade não influenciava a estrutura) e um sujeito ainda assujeitado pela estrutura. Foi nessa fase também que Pêcheux (1969) passou a pensar o sujeito como “produtor de discursos”.

Posteriormente, Pêcheux volta-se para a constituição do discurso não mais como algo “fechado” (estrutura), mas considera essa constituição no entrelaçamento de estrutura e acontecimento.

Na segunda fase, surge o conceito de formação discursiva (apropriada de Michel Foucault) e interdiscurso que traz um novo olhar para os processos discursivos, ao considerar a exterioridade. Já a terceira fase, com o aprimoramento do conceito de interdiscurso, põe por terra realmente a “noção de máquina discursiva estrutural”. Aqui, o filósofo pensa a língua “como sistema signifiante em sua relação com a História” (ORLANDI, 2012, p. 27). Melhor dizendo, a repetição de uma materialidade discursiva nunca é a mesma porque a historicidade assegura que nada seja repetição de um já-dito.

A teoria da Análise de Discurso compreende o funcionamento da linguagem, explicitando a sua opacidade; sendo assim, enquanto analistas refletimos sobre a não univocidade dos sentidos, pois, nessa visão, a língua não é autônoma e nem o sujeito. O sentido não está nem no sujeito, nem no texto, mas sim, é nessa relação de interlocução que vai se constituindo, ou seja, o sentido vai ser produzido nessa relação do texto com o sujeito que o lê.

Cabe ainda ressaltar que a Análise de Discurso tem como objeto teórico de estudo o discurso, o qual se materializa através da língua, e é atravessado pela história. Segundo Orlandi (2012, p. 63), “[o] discurso, definido em sua materialidade simbólica, é efeito de sentidos entre locutores, trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar”. E ainda, a teoria privilegia discursos a partir de sua exterioridade, ou seja, situações de produção; sendo assim importam as materialidades discursivas interligadas às questões sócio-históricas.

Nessa direção, as mudanças teórico-metodológicas durante a formação da teoria foram decisivas para chegarmos até aqui, ao considerar a exterioridade e o sujeito do discurso.

É nessas bases que esta pesquisa toma forma, ao questionar como os discursos sobre a educação e seus respectivos integrantes são representados na/pela mídia digital, refletindo sobre a exterioridade e historicidade dos discursos.

Desse modo, após discorrermos brevemente sobre a perspectiva da Análise de Discurso, nos próximos subcapítulos apresentamos alguns conceitos que fundamentam a nossa pesquisa.

1.1 Formação Discursiva: um percurso de Foucault a Pêcheux

A noção de formação discursiva, apropriada de Michel Foucault, é um importante aparato para a teoria do discurso. Para explicitar melhor, Foucault (2009 [1969], p. 43) apresenta o conceito como:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ciência, ou ideologia, ou teoria, ou domínio de objetividade. Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. (FOUCAULT, 2009, p.43)

Nessa mesma perspectiva, corroborando com o autor supracitado, Pêcheux ressignifica a noção de formação discursiva para:

Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) (PÊCHEUX, 2014d [1988], p. 147)

A reflexão teórica de Pêcheux, ao trazer esse conceito para a Análise de Discurso, faz menção de que a formação discursiva não é um bloco homogêneo; há, por parte do sujeito, a ascensão de uma posição, ou seja, em uma determinada formação discursiva há no mínimo duas formações ideológicas em contraponto e o sujeito enuncia de uma delas. Pêcheux, em sua formulação, trabalha com questões referentes à ideologia e à luta de classes.

Essa tomada de posição do sujeito a partir das formações ideológicas colabora para que, enquanto analista de discurso, compreendamos o processo de produção de sentidos, estabelecendo assim, regularidades no discurso.

Assim sendo, a noção de formação discursiva não trata somente de discursos dominantes, há uma relação com a exterioridade, ou seja, com o interdiscurso. Nas palavras de Orlandi (2007a, p. 20):

As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores.

Feitas essas considerações, podemos dizer que as noções de formação discursiva e formação ideológica estão interligadas, pois, a formação ideológica materializa-se no discurso a partir de uma dada formação discursiva.

É justamente na relação estabelecida entre as formações discursivas e ideológicas que nos apoiaremos para entender a partir de que posição discursiva as produtoras de esquetes (Porta dos Fundos e Parafernália) produzem seu discurso.

Nesse viés, no próximo subcapítulo, abordaremos a noção de formação ideológica que atravessa o discurso do sujeito.

1.2 Formação ideológica

Quanto ao conceito, da mesma forma como as formações ideológicas mantêm relações com formações ideológicas distintas, as formações discursivas também são permeáveis a outras formações discursivas. Por exemplo: ao mesmo tempo que dão passos além, as ideologias trabalhista e revolucionária têm relações de base com a ideologia liberal/burguesa (vêm dela).

Nessa linha, a ideologia opera sobre mecanismos de domínio da língua, independentemente da classe do sujeito. Para Althusser (1970, p. 69), a ideologia é considerada como “sistemas de ideias, das representações que dominam o espírito de um homem ou um grupo social”. Ou seja, a ideologia configura um modo de dominação de classes fazendo com que a ideia de um (classe dominante) seja a de todos.

Em Análise de discurso, consideramos a noção de ideologia a partir da relação entre linguagem e o mundo. E, é a partir da ideologia que os sujeitos produzem evidências nos discursos, ou seja, “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”. (ORLANDI, 2005, p. 46)

Sendo assim, as formações ideológicas são um conjunto de representações que se relacionam a posições de classe em conflito umas com as outras; de acordo com Pêcheux e Fuchs (2014), trata-se de:

um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014c, p. 163)

Nesse panorama, a ideologia está ligada ao sujeito na sua relação com a língua e a história e, desse modo, o discurso faz sentido. A língua não é um instrumento de comunicação abstrato/neutro; nela podemos perceber a produção de sentidos estabelecidos ideologicamente. Em outras palavras, para Orlandi (2005, p. 47), a “ideologia e inconsciente estão materialmente ligados” pela língua, e nela podemos distinguir diversas manifestações culturais e ideológicas nos discursos que circulam na rede.

A fim de complementar os conceitos acima expostos e ampliar a discussão, trataremos no próximo subcapítulo da noção de memória discursiva.

1.3 Memória discursiva

A teoria do discurso possibilita pensar os gestos de interpretação em diferentes materialidades. A interpretação é constitutiva dos sujeitos de linguagem, ou seja, não é possível não interpretar. O sujeito interpreta a partir de sua posição de sujeito no discurso.

A noção de memória discursiva nos ajuda a deslocar a ideia de que o dizer se origina no sujeito, então, aquilo que o sujeito diz não é algo intencional, que parte da mente, daquilo que ele deseja ou pretende. No entanto, o sujeito acredita ser o dono do seu dizer e isso se deve à ideologia.

Dessa maneira, a memória discursiva diz respeito às vozes anônimas que ecoam no dizer, não vemos, mas conseguimos identificar, enquanto analista de discurso, como algo que fala antes, em outro lugar. Assim, o sujeito quando enuncia ocupa uma posição sujeito, e esse sujeito se inscreve numa dada formação discursiva, que, por sua vez, recorta o interdiscurso.

E, como mencionado anteriormente, é a partir da segunda fase da Análise de Discurso que Pêcheux formula a noção de interdiscurso (memória discursiva). Assim, Orlandi (2007a, p. 87-88) afirma que:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciativo. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso.

Nesse sentido, o interdiscurso é compreendido como a memória de um já-dito, sustentado pela tomada da palavra, de que o sujeito não é consciente devido ao esquecimento número um, ou seja, o esquecimento ideológico. De acordo com Orlandi (2005, p. 35), o esquecimento número um se dá na “instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia”. Sendo assim, pelo esquecimento número um, o sujeito sempre terá a ilusão de ser a fonte daquele saber, e as palavras significarem como acredita que foram transmitidas, não gerando sentidos outros.

Por outro lado, o esquecimento número dois se reporta à ordem da enunciação, e depende que o dizer sempre pode ser outro, pois, ao formar famílias parafrásticas, lançamos mão de diferentes sentidos, produzem, em nós, a impressão da realidade do pensamento. Segundo Orlandi (2005, p. 35), isso “nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo”. Pelo funcionamento desse esquecimento, o sujeito

imagina selecionar alguns dizeres em detrimento de outros e acredita ter o domínio do sentido do que diz.

Em suma, em todo dizer, há uma relação entre a memória discursiva (interdiscurso) que se encontra no eixo da constituição e o da atualidade (formulação), ou seja, aquilo que o sujeito diz naquele dado momento. E no entrecruzamento desses eixos encontra-se o discurso, lugar de conflitos e opacidade.

Consideramos essas reflexões importantes para melhor compreender a noção de memória convocada pela Análise de Discurso e apresentada por Orlandi (2005, p. 31):

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Sendo assim, a noção de memória discursiva torna possível que o sujeito formule seu dizer, a partir do que é dito em outro lugar. Ou seja, o dizer é, assim, remetido a uma filiação de dizeres.

A memória constitui, segundo (Pêcheux, 2015a, p. 50), “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas”. Ou seja, esse deslocamento e retomada dá-se porque não há um dizer próprio, mas, sim, os dizeres que vão se historicizando em muitas outras vozes e isso possibilita a produção de sentidos.

À luz da teoria da Análise de Discurso, podemos dizer que a repetição de dizeres ocasiona uma autenticidade dos sentidos, por outro lado, também, pode alterá-los num movimento parafrástico e polissêmico.

Com isso, buscamos olhar o nosso material de análise não como um texto simplesmente de cunho humorístico, mas como um discurso que reverbera uma memória discursiva atravessada por estereótipos e pensada como verdadeira por muitos sujeitos, para produzir diferentes sentidos.

Após as considerações sobre memória discursiva, o subcapítulo que segue versa sobre a formulação e circulação, noções teóricas primordiais para compreendermos a materialidade do nosso *corpus* de análise.

1.4 Formulação e Circulação

Com o avanço da internet, a relação entre os sujeitos começou a mudar e transformações na forma da linguagem empregada para interagir são sempre constantes. Um dos objetivos específicos do nosso trabalho de pesquisa é analisar de que modo o discurso humorístico sobre educação é constituído, formulado e colocado em circulação na mídia digital.

Para tanto, enfatizamos os processos de produção do discurso apresentada por Orlandi (2012, p. 9) em três momentos:

1. Sua **constituição**, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua **formulação**, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua **circulação** que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (Grifos nossos)

Assim, ressaltamos que os processos de formulação e circulação estão ligados diretamente ao nosso trabalho. Cabe à formulação a materialização da língua, no qual os sentidos tomam corpo, mas, não devemos nos ater ao corpo como “a palavra em si”.

No processo de formulação, “há um investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras” (ORLANDI, 2012, p. 10), pois o sujeito diz representando-se no que diz, ou seja, o sujeito articula seu dizer e nele se inscreve.

De modo resumido, Orlandi (2007b, p. 68) argumenta que “o dizer só faz sentido se a formulação se inscrever na ordem do repetível, no domínio do interdiscurso”. Sendo assim, a interpretação dessa formulação pelo repetível tende que o sentido seja outro.

Ademais, pode-se dizer que na circulação “os dizeres são como se mostram”, ou seja, independente da maneira e dos meios em que são veiculados, “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam” (ORLANDI, 2012, p. 12). Desse modo, enfatizamos que as instâncias da constituição, formulação e circulação estão sempre vinculadas e cabe ao analista não privilegiar uma em relação à outra. No entanto, no processo de análise, há a necessidade teórica de levar o sujeito à compreensão dos sentidos e/ou discursos através de uma ou mais instância.

Levando em consideração todas as instâncias, sob a perspectiva discursiva, Orlandi (2012, p. 11) diz que:

O interdiscurso (constituição: dimensão vertical, estratificada) determina o intradiscurso (formulação: dimensão horizontal, eu diria, o da linearização do

dizer). Todo dizer (intradiscurso, dimensão horizontal, formulação) se faz num ponto em que (se) atravessa o (do) interdiscurso (memória, dimensão vertical estratificada, constituição).

Sendo assim, a formulação é compreendida como a textualização do discurso, melhor dizendo, o “texto” em sua materialidade, enquanto que a circulação se refere aos “meios” em que esses discursos circulam.

O próximo subcapítulo tem o propósito de mostrar a importância da concepção e constituição do arquivo, enquanto documento institucionalizado, formulado e colocado em circulação na/pela mídia.

1.5 Arquivo

Para compreender a constituição do arquivo é relevante pontuar como a Análise de Discurso trata esta noção. Na década de 1980, essa noção se estabelece efetivamente na teoria do discurso, no entanto, teve início na década de 1970. Na concepção proposta por Pêcheux (1994 [1982], p. 57), arquivo é um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”.

Diante disso, o gesto de interpretação com relação a determinado arquivo pode levar a diferentes efeitos de sentido, a depender da leitura do analista. Tendo em vista o arquivo como algo institucionalizado, que tende a cristalizar e/ou estabilizar sentidos e, enquanto analista, vamos desconstruir essa ideia de sentidos apenas vinculados a uma memória institucionalizada, podendo percebê-lo enquanto efeito de sentido, concebido pela articulação entre língua e história.

Nesse sentido, Pêcheux (2015b, p. 54) referenda o arquivo enquanto memória e não um amontoado de documentos, um objeto linguístico e histórico que está relacionado à materialidade da língua e história, de onde podemos depreender o seu funcionamento, pois, consideramos as condições de produção dessas materialidades.

Dias (2015, p. 1) observa que “a materialidade do arquivo, portanto, é aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro, que faz com que, ao se deparar com ele, o sujeito o recorte de maneira x e não y.”

A partir desse ponto de vista, consideramos importante ressaltar que a posição ideológica do sujeito que produz o arquivo define sua inscrição numa posição sócio-histórica ideológica.

Orlandi (2017, p. 44) acrescenta dizendo que “objetos já vêm, pois, significados dadas as condições verbais de sua existência”, pois a questão do arquivo mobiliza em sua constituição a língua, a história e o sujeito. Desse modo, a partir da noção de arquivo podemos constituir o nosso *corpus* de análise na medida em que os esquetes analisados apontam para diferentes maneiras de ler/interpretar, produzindo diferentes efeitos de sentido, pelo fato de estar articulado entre língua e história.

Como sabemos, existem variados arquivos na rede eletrônica. E, para a constituição do nosso *corpus*, fizemos um levantamento dos esquetes sobre educação, utilizando como ferramenta de pesquisa a internet. Buscamos por esquetes que retratassem em sua materialidade a visão sobre os sujeitos professor e aluno.

Durante o processo de escolha dos esquetes e, posteriormente, na seleção dos recortes constituídos pelos planos verbo-visuais, chamou-nos a atenção a forma como o arquivo digital sobre educação manifesta uma representação dos sujeitos professor e aluno de maneira estereotipada.

Desenvolveremos o subcapítulo que segue com o intuito de retomar a noção de sujeito, um sujeito que é constituído pela ideologia e pelo inconsciente, que tem a ilusão de ser o dono de seu dizer, cuja visão é essencial para que compreendamos o funcionamento das noções já abordadas.

1.6 Sujeito

A Análise de Discurso trabalha a opacidade que atravessa a relação dos sujeitos na história, ou seja, essa noção de sujeito apresentada é de um sujeito descentrado, dividido. Entretanto, foi somente no ano de 1975 que Pêcheux repensa a questão da noção de sujeito e desenvolve “uma teoria não-subjetiva da subjetividade”. A partir dessa formulação, dá-se ênfase à questão de duas noções – inconsciente e ideologia. Assim, o sujeito é pensado como sendo “interpelado pela ideologia” e “atravessado pelo inconsciente”, ou seja, a ideologia causa o efeito de evidência do sentido ao fazer com que o sujeito acredite ser a fonte de seu dizer.

E o sujeito, ao dizer, assume inconscientemente uma determinada posição, que chamamos teoricamente de posição-sujeito. Segundo Orlandi (2005, p. 49).

Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. O modo como o sujeito

ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui.

Desse modo, a posição-sujeito, acionado pelas diferentes formações discursivas, representam no interior do discurso, diferentes posições-sujeitos, uma vez que, ao se identificar com o enunciador, ocupa determinada posição.

Dessa maneira, de acordo com tudo o que tratamos até agora é impossível não reportarmos a nossa análise ao sujeito-professor, sujeito-aluno. Levando em consideração que o processo de identificação com o discurso se dá a partir da posição sujeito. Sendo assim, o conceito será mobilizado para compreender como alunos e professores são significados nos esquetes e, não menos importante, o lugar subjetivo ocupado pelas produtoras.

Ademais, cabe mencionar que a noção discursiva de sujeito agregada à teoria foi elaborada por Louis Althusser, e Pêcheux adota e fortalece o conceito na Análise de Discurso. Althusser (1970) pensa o sujeito como constituído a partir do processo sócio-histórico nas relações sociais, ou seja, um indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia. Em última instância, Pêcheux pensa a constituição do sujeito interligada ao funcionamento do discurso, sendo o discurso lugar de materialização da ideologia na língua.

Sob essa ótica, pensar a constituição do sujeito nessa pesquisa é indispensável para analisar os dizeres sobre os professores, alunos e instituição escolar pelo sujeito comediante, tendo em vista que “sujeito e sentido são constituídos pela ordem significante na história. E o mecanismo de sua constituição é ideológico” (ORLANDI, 2007b, p. 145). E, principalmente, pelo fato de estabelecermos sobre os sujeitos representações que nutrimos sobre os outros e nós mesmos.

Por meio das considerações aqui apresentadas, sobretudo, à noção de sujeito, compreendemos o sujeito como clivado, descentrado e que ocupa diversas posições no discurso. Além de um sujeito heterogêneo, que constitui o processo de produção dos sentidos.

Diante do que foi exposto, apresentamos, no próximo capítulo o modo de circulação do discurso humorístico sobre educação.

CAPÍTULO II

2. DISCURSO HUMORÍSTICO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

No capítulo anterior, foram discutidas noções basilares da Análise de Discurso que corroboram para a análise das materialidades discursivas contidas neste *corpus* de pesquisa, cuja seleção partiu de dois canais humorísticos, especificamente Porta dos fundos e Parafernália, buscando compreender como a língua(gem) produz sentidos através do humor.

Neste capítulo, abordaremos, pelo viés discursivo, o funcionamento do discurso da mídia digital considerando as condições de produção das materialidades discursivas selecionadas. O simbólico determina sentidos e sujeitos e a tecnologia faz parte da vida do sujeito; assim, o digital estabelece ou determina uma nova relação entre o social e o sujeito.

Conforme Miranda (2018), no site do laboratório de conexões intermediáticas (Labcon), o programa de humor Porta dos Fundos surgiu em 2012, primeiramente como um canal no Youtube e posteriormente, com o sucesso, progrediu para outras mídias, assim como, investiu em venda de outros produtos. Os idealizadores do canal são Antonio Tabet, Ian SBF, Fábio Porchat, Gregório Duvivier e João Vicente de Castro.

Os fundadores decidiram iniciar um programa em uma mídia alternativa devido à falta de liberdade em programas televisivos, principalmente, em se tratando de uma comédia tão ironizada sobre questões políticas, de religião, e situações do dia a dia, por vezes envolvendo autoridades.

Atualmente fazem parte do canal, Gregório Duvivier, Fabio Porchat, João Vicente de Castro, Antonio Tabet, Gabriel Totoro, Rafael Portugal, Thati Lopes, Evelyn Castro, Karina Ramil, Pedro Benevides e Noemia Oliveira. A diversidade de produtos do grupo sempre apresenta, no plano da expressão verbal, a logomarca do canal, representado pelo radical “port”. Pois, ampliaram a sua divulgação com o lançamento de subcanais: Fundos da Porta, contendo erros de gravações; Portaria; Porta Afora, programa de entrevista; Refém (2014); Webséries Viral (2014); O Grande Gonzalez (2016), e outros.

O grupo de comediantes também investiu em programa de TV (FOX), não tendo o mesmo resultado que nas redes de internet. Lançaram um filme no cinema (Porta dos Fundos: contrato vitalício), e também apostaram em jogos e aplicativos para um público mais jovem. Além disso, tentaram alcançar pessoas que não têm acesso à internet através do livro com 37 esquetes e DVD.

A forma humorística como os esquetes são produzidos facilita a propagação desse material. De certo modo, sua circulação é instantânea para vários meios, Facebook, WhatsApp, Instagram, entre outras redes sociais eletrônicas, pois a interação e compartilhamento entre os sujeitos a partir dessa evolução tecnológica proporcionam uma rapidez na transmissão de dados e informações.

A questão que se coloca hoje com relação à circulação é que “as formas de circulação e replicação no meio digital são o próprio aqui e agora, singulares em sua aparição” (DIAS, 2018, p. 34). Isso significa que “aqui e agora” no meio digital sucede à enunciação, e, desse modo, a circulação influencia na constituição dos sentidos. Como salienta Dias (2018), a formulação dos dizeres no digital é sustentada pela circulação, pois elas não se separam.

Inicialmente, eram postados 2 vídeos por semana, e, em 2014, a programação passou a 3 vídeos, sendo exibidos no canal YouTube durante a semana, nas segundas, quintas e sábados às 11 horas. O que facilitou o grande sucesso foi o fato de poderem, nessa mídia alternativa, falar sobre “tabus” com um humor escrachado, provocativo, tendo, assim, maior liberdade de expressão, o que a mídia tradicional (TV) não permitia. Também lançaram vídeos dos *making of* das gravações, estendendo ainda mais a quantidade de postagem.

Por sua vez, o canal de esquetes de comédia Parafernália também tem por objetivo produzir um humor livre. Fundada pelo influenciador Felipe Neto em junho de 2011, conta com a participação de vários atores notáveis, tais como: Thais Belchior, Daniel Curi, Jorge Hissa, Mariana Rebello, Cezar Maracujá e outros. Mas, desde 2015 o canal pertence a Webedia, uma empresa Francesa.

O perfil público do canal Parafernália, na rede social Youtube, tem mais de 12,500 mil inscritos.

Vale ressaltar que um dos conteúdos mais acessados na plataforma do Youtube são vídeos de cunho humorístico, de acordo com Velasco (2019), e, entre outros blogs¹ que publicaram sobre o ranking de visualizações na internet.

O riso e o humor estão presentes em práticas linguageiras; no entanto, mesmo o canal Porta dos Fundos apresentando assuntos do cotidiano, eles podem ser interpretados de maneiras distintas pelos sujeitos. O que, nesse caso, gera repercussão negativa ou positiva, embates e concordâncias.

¹ <https://neilpatel.com/br/blog/maiores-canais-do-youtube/>
<https://influu.me/blog/os-5-maiores-canais-de-humor-do-youtube/>

Bergson (2018, p. 21) argumenta que “o riso deve preencher certas exigências da vida em comum, deve ter um significado social”. E a comicidade do canal Porta dos Fundos trata de assuntos intocados por alguns veículos de comunicação, propiciando sua propagação entre os sujeitos.

Por tudo isso, dizemos que, na plataforma do YouTube, os canais como Porta dos Fundos e Parafernália ainda aparecem como ambientes favoráveis à produção do humor. No próximo subcapítulo, discutiremos sobre a produção e circulação dos discursos humorísticos nesses meios tecnológicos.

2.1 Mídia e humor: produção e circulação de sentidos

Para refletirmos a relação do sujeito contemporâneo com o uso das tecnologias, aproximação e apropriação desses meios digitais, é importante ressaltar que a constante mudança no âmbito tecnológico, fundamentalmente com a internet, e o conhecimento estão ligados na/pela linguagem; no entanto, enfatizamos também que esse conhecimento e domínio nem sempre está acessível para todas as pessoas.

As diferentes materialidades discursivas proporcionadas por esse meio tecnológico levam o sujeito a se identificar ideologicamente com alguns sentidos e não outros; é nessa relação que ele é “afetado pelos sentidos de uma cultura (ideologia) tecnológica determinada” (Dias, 2009).

Sendo assim, o sujeito pode resistir ou aceitar sentidos predeterminados por uma formação discursiva dominante. Tendo em vista que, a mídia é um aparelho ideológico de Estado. Outro ponto importante a enfatizar sobre a mídia é a diversidade de linguagem nela empregada.

É o tecnológico determinando os modos de dizer dos sujeitos na rede. Assim, o que é dito ou não na rede, arquivado ou não, se se trata de autoria coletiva ou individual é regulado não só pela tecnologia, mas também pelas relações de poder presentes na nossa formação social. (GRIGOLETTO, 2017, p.146)

A mídia controla, evidentemente, o que pode e deve ser produzido, dando muitas vezes um efeito de verdade sobre um acontecimento, e no qual a repetibilidade produz um sentido dominante.

Há sentidos que estão de tal maneira cristalizados numa palavra/termo que devemos, enquanto analistas de discurso, observar como se dá o funcionamento da linguagem, ou seja, analisar o que está sendo discursivizado na rede, como é formulado e o que está funcionando.

Pois, esses novos meios também demonstram movimentos de práticas de resistência, movimentos que convocam os sujeitos a estabelecerem laços virtuais, entre outras formas de produção de sentido em rede.

As tecnologias produzem novos processos de significação, ou seja, novas formas de textualização (formulação) dos sentidos e circulação dos discursos, conforme Mota (2010). Levando em conta os modos de formulação produzidos pelo uso e acesso à mídia, podemos dizer que há uma diversidade de gêneros do discurso, como é o caso do nosso objeto de pesquisa, “os esquetes”.

Enquanto uma nova forma de expressão, o esquete causa um deslocamento na maneira de produzir o humor. Evidentemente, um humor reformulado pelo uso das novas tecnologias e pela rapidez nas informações, mas ainda assim significando e (re)significando o imaginário de educação.

Enquanto possibilidade expressiva, os esquetes “são peças de curta duração e poucos atores”², e ainda, no que diz respeito à etimologia, “a palavra esquete é uma forma aportuguesada do inglês "sketch", com mesmo sentido”. Alguns programas televisivos notabilizados por esse tipo de humor é o “Zorra”. Já na internet, os canais de sucesso do Youtube no Brasil destacam-se Parafernália e Porta dos Fundos. O esquete geralmente tem um caráter cômico, podendo ser encontrado no teatro, cinema, rádio, televisão.

Além disso, no que concerne ao campo do humor, podemos mencionar que, na linguagem humorística, o plano verbo-visual funciona de modo imediato para realçar defeitos/qualidades, entre outros atributos utilizados para provocar o riso. No entanto, quando a história é engraçada, devemos nos ater para o que está na opacidade, pois, toda brincadeira quase sempre tem o intuito de ofender e/ou ridicularizar o outro, por vezes, o humor constitui uma crítica social. Tendo em vista que, a língua não é transparente e há em toda manifestação uma forma de resistência/rebeldia contra a repressão/opressão no que é dito. Pelo humor, é possível dizer tudo aquilo que seria inaceitável em certas circunstâncias; sendo assim, devemos nos ater aos discursos humorísticos em suas relações com o mundo exterior.

Vale a pena pensar os discursos humorísticos desencadeados pela sátira e o que significam, as interpretações possíveis, considerando também as explicações linguísticas, melhor dizendo, descrição do que é linguístico nesses discursos. Desse modo, o efeito de humor deverá ser considerado a partir da língua que provocou esse efeito. É importante “descrever as chaves linguísticas que são o meio que desencadeia nosso riso” (Possenti, 1998, p. 17). Por

² Dicionário online disponível em <https://www.dicio.com.br/esquete/>

essas chaves linguísticas, compreendemos os processos de construção de sentido, e sem a formulação de inferências não seria possível produzir o efeito de humor.

Nesses discursos humorísticos, podemos reconhecer diversas manifestações culturais e ideológicas. No entanto, Possenti acrescenta que:

o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. (POSSENTI, 1998, p. 49)

Nesse viés, a partir do autor supracitado, entendemos que, aqui, entraria a sátira como um artifício para dizer o que é proibido de modo a não despertar por demais a revolta daqueles que foram mencionados e provocaram o riso. Entretanto, em *Análise de Discurso*, sabemos que o sentido não está na palavra, mas é produzido na relação com a formação discursiva a partir da qual o sujeito enuncia. Os sentidos se dão dependendo da constituição do sujeito, um sujeito que para dizer ocupa uma posição numa formação social e a partir dela enuncia.

Em suma, podemos dizer que a mídia digital tem reinventado o modo/formas de fazer humor. Possenti (1998, p. 26) enfatiza que a piada, “veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coleta de dados, como entrevistas”, em nosso caso, analisamos os esquetes que também surgem sobre temas socialmente e comumente controversos.

Sobre o humor Mota (2010, p. 117), afirma que:

o humor em geral não é um objeto já-dado, transparente, que serve como mero instrumento para relaxar os ânimos, mas um objeto simbólico atravessado pela história, construção significativa de culturas e sociedades específicas. Acrescente-se, o campo da comicidade, enquanto manifestação estética, é o espaço de inscrição de forças que estão em jogo no aparelho psíquico (desejo, prazer, agressividade, enfim, energias psíquicas que constituem o sujeito de linguagem, sujeito do inconsciente).

Sendo assim, depreendemos, nesta pesquisa, que o humor não é algo transparente, que serve somente para fazer rir, mas, como toda materialidade discursiva, é atravessado pela história e produz sentidos.

Para entendermos a constituição e produção do efeito de humor no sujeito leitor/ouvinte, é necessário apresentar a concepção de humor a partir de Freud (1905) no subcapítulo que versa a seguir.

2.2 Campo da comicidade e as relações com o sujeito leitor/ouvinte

O humor enquanto uma prática da linguagem na interação social se materializa em diversos gêneros do discurso e pode ser encontrado em todas as culturas, mesmo que signifique de formas diferentes; mas para que esse efeito cômico aconteça, é necessária a inter-relação entre dois sujeitos ou mais. No entanto, não é imposta a esses sujeitos a presença física um perante o outro. Tendo em vista a importância de que se valide o humor neste trabalho, um fator importante para produção da comicidade é a condição enunciativa, que influencia a percepção do efeito cômico em determinado contexto.

Foucault (1979), ao pressupor que as relações de poder estão ligadas ao discurso e/ou práticas discursivas, nos dá a possibilidade de concebermos o discurso humorístico como algo subjetivo.

E a partir dos estudos de Mota (2010), apresentamos as três subclasses da comicidade, segundo Freud (1905): o chiste, o cômico e o humor. A autora argumenta que:

O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de permitir dizer uma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. Retomando Freud, Possenti afirma que o humor não tem obrigação de ser crítico, mas tecnicamente bom, uma vez que não é o assunto que determina o efeito do humor, mas a maneira como ele, linguisticamente, é construído. (MOTA, 2010, p. 129)

Assim sendo, importa dizer que a produção de sentido na relação com o chiste “que inclui as piadas e jogos verbais”; nas palavras de Freud (1905, p. 140), “à elaboração do chiste acha-se indissolúvelmente ligado o impulso a comunicá-lo”. Ou seja, o chiste é inerente a satisfação de um desejo, ou mesmo, à produção de prazer. Prazer este que só se efetiva se o leitor/ouvinte gozar do riso, ao fato que o chiste faz sentido. Caso contrário, não é chiste.

De acordo com Araújo (2005, p. 34),

O chiste equipara-se à técnica de argumentação pela qual se consegue a concordância do ouvinte (Freud chama de terceira pessoa) mediante questões que se propõem, mas cuja resposta está implícita na própria pergunta. O juízo crítico é substituído pelo senso lúdico, e ainda que não se concorde com seu emissor, o riso lhe granjeia solidariedade e fortalece sua posição de argumentação.

Freud caracteriza o conflito do sujeito na vida em sociedade e a inclinação instintiva do indivíduo. A repressão imposta pela sociedade sobre impulsos de agressividade faz com que

surjam os lapsos da linguagem. Assim, os chistes atenuam esses impulsos reprimidos pela prática social.

Sobre os chistes (*witz*) inocentes e tendenciosos, Freud faz uma distinção: os chistes inocentes abrangem os jogos de palavras, enquanto que, no chiste tendencioso, há uma profunda função psicológica e que, provocam o irrompimento do riso. E ainda, na subdivisão do chiste tendencioso, “ou será um chiste *hostil* (servindo ao propósito de agressividade, sátira ou defesa) ou um chiste *obsceno* (servindo ao propósito de desnudamento)” (FREUD, 1905, p. 116). O chiste tendencioso é notado como um recurso de resistência contra autoridades (políticos) e/ou instituições.

Sobre o cômico, ressaltamos que Freud o considera o mais próximo do chiste, apesar do fato de o chiste ser considerado uma subespécie do cômico. Por outro lado, o cômico estaria ligado basicamente à teoria da literatura como gênero dramático (televisão, teatro, cinema). Portanto, os gestos/movimentos excessivos causam o prazer, pela ideia de superioridade em relação ao outro.

O cômico se produz em primeiro lugar como um achado não buscado nos vínculos sociais entre os seres humanos. Nós o descobrimos em pessoas, e certamente em seus movimentos, formas, ações e traços de caráter. (...). Também é possível tornar a si mesmo cômico. Os recursos que servem para tornar alguém cômico são, entre outros, a colocação da pessoa objeto em situações cômicas, a imitação, o disfarce, o desmascaramento, a caricatura, a paródia, o travestismo. Como se sabe, estas técnicas podem entrar ao serviço de tendências hostis e agressivas. (FREUD, 1905, p. 215-216).

Nessa subclasse, podemos considerar que, para um efeito cômico, será preciso o rebaixamento de uma “pessoa ou objeto” à caricatura. Consideremos também o fato que o que é cômico hoje pode não ser daqui a algum tempo, sujeitos diferentes não acham a mesma coisa/fato engraçado, ou seja, podem fazer sentido apenas para os sujeitos de uma determinada formação discursiva.

Por último, o humor acontece por meio de algo menos “alegre”, como um ato de rebeldia perante as adversidades, e que de certo modo parecem trágicas. A respeito disso, Mota (2010, p. 127) ressalta que “o prazer humorístico se produz com afetos que normalmente nos seriam penosos”. Sendo assim, o humor poupa sentimentos de prazer, diferentemente do chiste, e se caracteriza como algo mais subjetivo, enquanto “manifestação psíquica mais elevada do campo da comicidade”.

2.3 A constituição do imaginário de educação

De início, é importante ressaltar que a tecnologia confere sobre os discursos um efeito de veracidade que vai legitimando o dizer, de modo que não há abertura para outros sentidos possíveis, outros gestos de interpretação. E, valendo-se do fato de que a mídia re(produz) sentidos pré-construídos e que se atualizam em “novas” formas de dizer, nos propomos a pensar como a educação é representada/significada nesses meios tecnológicos. Acerca dessa questão, Orlandi (2007) afirma que:

A mídia é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem. Enquanto tal, ela é um acontecimento de linguagem que impõe sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação, sempre na distinção do que se deve apreender como sentido unívoco (literal) e o que admite plurivocidade interpretativa. Com a mídia há uma reorganização do trabalho intelectual e uma divisão do trabalho de leitura. (ORLANDI, 2007b, p. 96)

Essa plurivocidade interpretativa da qual nos fala a autora é concebida pelas relações sócio-históricas do sujeito; o sentido da palavra não existe nela mesma, mas, sim, é constituído pelas posições ideológicas a partir das quais o sujeito enuncia.

Ainda, sobre o gerenciamento dos gestos de interpretação mencionado pela autora, compreendemos que a mídia fala de educação de um determinado lugar, ou seja, de uma dada posição, e, direciona os sentidos para uma dada interpretação que, por vezes, produz uma interpretação fechada e, desse modo, gerencia os sentidos.

Nessa direção, a mídia digital toma a escola como espaço de intervenção, tanto política quanto ideológica, passando a mobilizar discursos sobre questões sociais e a sustentar processos de significação pela memória discursiva acerca da instituição escolar/ ensino e seus integrantes.

Importa dizer, retomando Althusser (1970), que a mídia é um AIE (Aparelho Ideológico de Estado) que atende aos interesses da classe dominante. E institucionaliza discursos sobre educação, discursos estes que fazem parte de uma memória discursiva. Assim, a partir dessa prática social envolta no meio digital é que o imaginário de educação vai constituir-se para o sujeito leitor/ouvinte, produzindo e circulando determinados sentidos e não outros.

Sendo assim, são gestos e situações distintos marcados por uma heterogeneidade a partir de várias formações discursivas e apresentados pela mídia digital que nos colocam em contato com o imaginário de educação, controlando os sentidos e evitando que outros irrompam.

Os estudos de Bressanin (2018, p. 90) mostram que “[n]a mídia, o não verbal se articula à linguagem verbal para produzir o efeito da transparência, da visibilidade, do estável. Como se os sentidos estivessem desde sempre lá, evidentes”.

Nessa perspectiva, a mídia televisiva, por exemplo, inscreve seu dizer em um imaginário de que a instituição escolar e seus representantes, gestor, professor e aluno, são os responsáveis pelo fracasso escolar, apagando fatores históricos, materiais de existência como o fato de que nossa sociedade é dividida em classes e põe em circulação uma discursividade sobre o sujeito-professor como executor de tarefas, transmissor de saber, produzindo sentidos que vão na direção de desautorizar o profissional a ter autonomia em prática, a ocupar o lugar de produtor do conhecimento.

Chamamos a atenção ainda para o fato de que as mídias digitais, particularmente as redes sociais, são tomadas como um espaço de (re)produção e circulação de sentidos. Dentre eles circulam várias materialidades (imagem, cores, sons, entre outros).

Sendo assim, analisamos, no imbricamento entre o verbal e o visual, o funcionamento dos discursos materializados nos esquetes de duas produtoras “Porta dos Fundos e Parafernália” que trabalham o imaginário de educação. A partir da relação verbo visual, observamos como é re(produzido) o discurso conservador e os efeitos de sentido que emergem.

Trazemos como embasamento sobre as materialidades significantes (LAGAZZI, 2015), que amplia o escopo analítico do discurso para a relação entre materialidade significativa (língua, som, imagem) e história.

A autora acima citada trata o significante como uma possibilidade de textualização de diferentes linguagens, e que se entrelaçam “uma fazendo trabalhar a incompletude na outra”. Dessa forma, a imbricação dos diferentes modos de formulação material nos dão a possibilidade de pensarmos o funcionamento dos esquetes no meio digital como reflexo das condições históricas e de produção.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, dedicamo-nos à apresentação do *corpus* de pesquisa, assim como os gestos de interpretação e análise. Como já dito, o *corpus* da pesquisa é constituído por 6 esquetes postados na rede (internet), especificamente no Youtube, produzidos no período de 2014 a 2020.

Como já dissemos, os esquetes em estudo são produzidos e veiculados na internet por duas produtoras de vídeos de comédia, denominadas Porta dos Fundos e Parafernália. O material selecionado para esta pesquisa traz dizeres sobre a instituição escolar e seus integrantes por meio de um humor satírico, produzindo efeitos de sentido e um imaginário de como é esse ambiente de ensino. Esses vídeos foram lançados na rede nos últimos 4 anos, no entanto, sempre retomam dizeres, uma vez que, conforme Dias (2008, p. 161), a “memória digital não é simples re-atualização técnica da memória”; essa pesquisadora considera a memória digital justamente como “aquilo que escapa a esta re-atualização, instalando-se na memória discursiva: acontecimento do digital”.

A atualização dessa memória, pela enunciação, possibilita outros dizeres e sentidos. À tecnologia também cabe a necessidade de resistência e implica a questão da interpretação, pois, em diferentes épocas, a sociedade significa e interpreta de maneira distinta.

Nesse sentido, considerando a relevância do gênero discursivo para as análises, apresentamos as características do gênero esquete, a partir do qual as produtoras “Porta dos Fundos” e “Parafernália” formulam os discursos sobre educação.

Tendo em vista a escassa bibliografia específica sobre o termo esquete no Brasil, recorreremos ao trabalho de Gomes (2017) e Travaglia (2017) para ancorar as discussões a respeito desse gênero discursivo.

Os esquetes humorísticos, de modo geral, trazem uma crítica, denúncia a elementos da vida social. Tem como aspectos visíveis uma série de recursos expressivos (a fala, movimentos do corpo, gestualidade) como meio de interação com os sujeitos. Trata-se de uma cena rápida, ou seja, com duração de trinta segundos, chegando a cinco minutos ou mais, cujo conteúdo quase sempre é humorístico.

De acordo com Gomes (2017, p. 45), “o esquete refere-se a um tipo de gênero midiático, veiculado em peças de teatro, produções específicas para internet, cinema e televisão.”

Tal reflexão endossa a afirmação de que este gênero discursivo tem uma rápida circulação entre os sujeitos devido ao fato de, em partes, ser formulado de maneira curta e com o intuito de provocar o riso.

Travaglia (2017, p. 118) caracteriza os esquetes da seguinte maneira:

- a) ele é uma peça teatral curta. Há inclusive quem determine uma duração máxima de dez minutos para um esquete;
- b) ele é apresentado em lugares diversos: teatro, teatro de revista, circos, cafés-concerto, televisão, rádio, escolas, igrejas, empresas, etc.;
- c) ele é referido como geralmente cômico, humorístico;
- d) ele é comumente parodístico sobre algo, mostrando o ridículo desse algo o que se relaciona diretamente com seu aspecto humorístico e com os objetivos do humor de criticar e denunciar.
- e) ele comumente tem um viés satírico.

Importa dizer que enquanto analistas de discursos, o que nos interessa são as especificidades trazidas em “d” e “e”, pelo fato de reterem a elementos perceptíveis no *corpus* analisado.

Como mencionado anteriormente, os esquetes humorísticos objetivam provocar o riso e, para tal faceta, em seu conteúdo fazem críticas de caráter social.

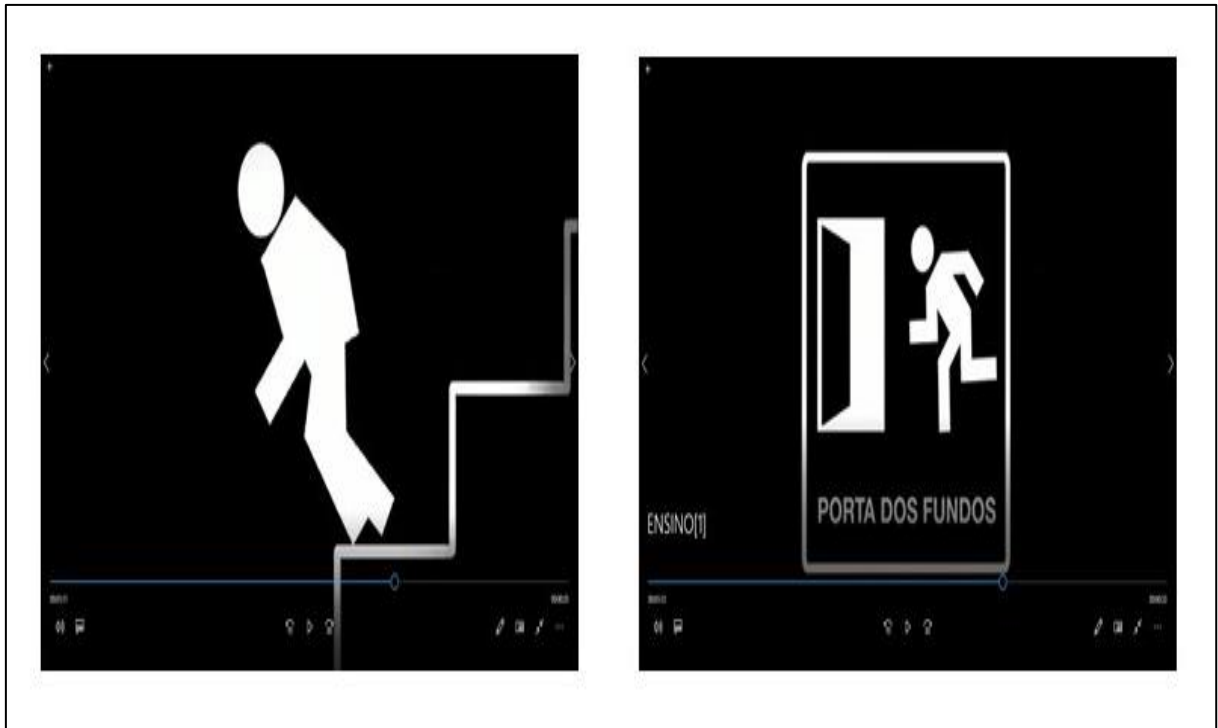
3.1 Gestos de interpretação sobre o discurso humorístico na mídia digital: atuação Porta dos Fundos

Dando sequência ao nosso trabalho, antes de trazermos os resultados da análise, apresentamos os vídeos e suas condições de produção. As sequências discursivas (SDs) foram compostas a partir de recortes verbo-visuais. Tendo em vista que, a produção de sentidos se dá pelo imbricamento do verbal e do visual, selecionamos algumas imagens (prints dos vídeos), pois fazem parte do nosso *corpus* de pesquisa e significa conjuntamente.

No que diz respeito à noção de recorte, Orlandi (1984, p. 14) aponta que “os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia”, ou seja, “um recorte é um fragmento da situação discursiva”, seja ele verbal ou não verbal, sendo estabelecido a partir do objetivo a ser alcançado, assim como das condições de produção.

Desse modo, vemos o não verbal significando no primeiro recorte trazido, a partir da logomarca da produtora de vídeos, com a qual sempre encerram cada esquete produzido.

Figura 1 - Logomarca Porta dos Fundos



Fonte: Disponível em <https://portadosfundos.com.br/videos>

No recorte acima, temos o enunciado “Porta dos Fundos” escrito em caixa alta sob o fundo preto. Justaposto a ele vê-se o ícone de um homem correndo por uma porta aberta à esquerda, que desemboca em uma escada em declive. O desenho do homem saindo correndo já indica uma posição contra um suposto alguém ou grupo que o ameaça contra aquilo que o Porta dos Fundos enuncia. Pensemos a ação de descer as escadas e ir em direção à porta como um modo de funcionamento discursivo (válvula de escape, como saída emergencial). O nome Porta dos Fundos poderia representar a descida na forma como a linguagem artística se manifesta, por vezes, carregada de um linguajar inusitado, de um humor satírico, considerado impróprio, produzindo um efeito de sentido de que esse tipo de abordagem (linguagem) passa despercebido, ao sair pelos fundos, sem ser visto ou notado de maneira explícita.

A logo tal qual está formulada, aponta para o lugar discursivo e ideológico do qual os produtores dos esquetes enunciam, pois, muitas vezes, abordam questões caras a certa formação discursiva conservadora.

Além disso, descer as escadas correndo e sair pela esquerda, pela porta do fundo, poderia demonstrar um humor de resistência. Um humor que está na ordem do dizível, mas não poderia ser formulado e, nesse sentido, é necessário “sair correndo” quando o fazem.

Outro elemento significativo explícito desta logomarca é a cor preta, que representaria o obscuro, algo que não é possível enxergar, a não ser a silhueta de um homem que corre em

direção à esquerda rumo a porta entreaberta no sentido da “luz”, claridade. Como dissemos anteriormente, o movimento em direção à esquerda indicia sentidos que se manifestam às avessas do que está posto.

Discursivamente, a língua é um sistema sintático passível de falha, um lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos, segundo Pêcheux (1975). Assim, a língua não é uma estrutura fechada em si mesma, o que nos permite, pelo excerto acima, perceber a relação entre língua, ideologia e inconsciente.

Cabe aqui refletir sobre esse ambiente digital e os modos como significam o ambiente escolar nesses meios de comunicação.

Sendo assim, vamos ao trabalho de análise a fim de interpretar os sentidos sobre escola-professor-aluno produzidos a partir da sátira em programas que circulam na rede. O primeiro esquete analisado chama-se “Ensino”, publicado no ano de 2016, o esquete teve até o momento 9.583.293 visualizações, 410 mil curtidas e 15 mil descurtidas. Nele são apresentados vários pais que vão até a diretora escolar cobrar satisfação sobre os temas trabalhados nas aulas (Educação Sexual; Dia do Índio; Dia da Árvore) e, ao final, Zumbi dos Palmares. Os pais estão revoltados e querem até processar a escola, pois, os filhos encontram-se caracterizados de modo a identificar-se com o tema proposto na aula.

Figura 2 - Ensino





Fonte: <https://portadosfundos.com.br/videos>

Retomamos aqui que o recorte, segundo Orlandi (1984), enquanto procedimento analítico, no batimento entre a descrição e interpretação, não se atem somente a uma prática com o verbal. Portanto, apresentamos a seguir a transcrição do esquete por ora analisado no batimento com a linguagem visual.

ENSINO

Pai 1: -Para com isso Mauricio, anda direito. Cadê, ah é você!

Gestora: - Mas o que é isso?

Pai 1: -O que que é isso?! O que que é isso eu que te pergunto!

Pai 1: -Olha o que vocês fizeram com meu filho!

Gestora: - Calma.

Pai 1: - Calma? Como você quer que eu tenha calma? se transformaram meu filho numa bicha!

Gestora: -Esse é seu filho?

Pai 1: -Era, era meu filho, era uma pessoa direita, era macho, ia virar comedor.

Aí foi a professora Jéssica vir com aula de educação sexual, pronto! Transformaram meu filho num viado.

Gestora: -Ah não, isso não é possível.

Pai 1: -Ah, não é possível? Fala Maurício, por favor.

Aluno 1: -Aí, para de bafãao, sua locaa! Eu hein, pai! Que saco!

Pai 1: -Tá vendo o que tá acontecendo?! Agora vem com papinho de orientação sexual. Que não... porque todos somos iguais. Pronto! Meu filho virou uma homossexual.

Gestora: -Olha talvez a gente tenha tocado no assunto no dia do orgulho gay.

Pai 2: -Vem, vem Nicolau! É com a senhora que eu quero falar. Aqui ó! eu quero saber quem foi que andou ensinando aqui na escola coisa de dia do índio?

Aluno 2: - Índiooo, uuooo

Gestora: -Ah meu Deus! Olha, semana passada foi dia do índio.
 Pai 2: -Ah é? Vou processar essa escola.
 Gestora: -Foi.
 Pai 2: -Vou processar essa escola!
 Gestora: -Quem sabe a gente não consegue se entender, conversar sobre isso, não é? Enfim, talvez seja só uma fase.
 Pai 2: -Ah, uma fase, quanto tempo vai durar essa fase?
 Pai 3: -Me mostra quem é, Marcos. Me mostra quem é, Marcos! Quem resolveu comemorar o dia da árvore, hein?!

.....

Pai 4: -Meu filho virou um zumbi.
 Gestora: -Mas o zumbi que a gente falou é o Zumbi dos Palmares.
 Pai 4: -Aí, não! Pô, nem pra prestar atenção na aula, filho!
 Aluno 4: -rrrrrrrrrrrr
 Pai 4: -Ih gente, tá latindo, é realmente....
 Gestora: -É muita informação.
 Pai 4: -Zumbi não late, era outro zumbi...tá? Que era pra você ter virado. E zumbi que você é não late, filho...olha pra mim. Não late, é outra coisa.

O recorte verbo-visual acima faz exteriorizar os sentidos de opressão, de luta pela liberdade e de resistência. Tendo como suporte da linguagem a sátira, pois, ela está no fato de todos os assuntos abordados na instituição escolar serem internalizados pelos sujeitos alunos, a ponto de representarem fisicamente o tema exposto. O corpo, nesse recorte, demonstra um engajamento político e ideológico, ou seja, há um imaginário de verdade em relação ao que é dito e/ou interpretado. Do ponto de vista discursivo, há o funcionamento de uma memória discursiva sendo ativada. Toda formulação, seja ela verbal ou através de imagem, é atravessada por uma memória que a institui. Nesse caso, o pré-construído a respeito desses sujeitos reverbera o modo como toda a sociedade e as mídias enxergam, ou tem um imaginário sobre o comportamento, vestimenta e linguagem desses sujeitos.

Podemos depreender, a partir da caracterização dos sujeitos alunos mostrada na cena discursiva pela produtora de esquetes Porta dos Fundos, uma forte crítica à prática escolar de caracterizar os alunos de índio, na comemoração do dia do índio. Desse modo, as produtoras de esquetes não só reproduzem, mas se apropriam do discurso conservador por meio do exagero, refletindo essa temática e lançando mão de outras interpretações, no sentido de mostrar como está ultrapassado e problematizar esse imaginário de ensino.

Bergson (2018, p. 49) argumenta que “[a]s atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que seus corpos nos fazem pensar em um simples mecanismo”. Algo que está para além do corriqueiro e com caráter caricatural, o riso, nessa abordagem, transcende da sátira para o corpo. Tendo em vista que o tema indígena, como

constatamos no excerto analisado acima, pode até ser trabalhado na instituição de ensino, mas de modo caricatural, escrachando a visão acerca do índio.

Ao utilizar de uma imagem naturalizada de índio, como um modo de criticar o discurso conservador, que significa o índio de forma romantizada, a produtora de esquetes Porta dos Fundos enuncia de uma Formação Discursiva que satiriza o discurso conservador que é avesso às questões de gênero, de igualdade.

Nesse sentido, essa caracterização que provoca o riso no sujeito ouvinte/leitor, para ser entendida, precisa “fazer inferências, estabelecer relações entre o que é dito no texto e em outros textos”. (MOTA, 2010, p. 124)

A linguagem visual, no recorte da figura 2, chega até os espectadores de maneira repetida, recriada, e supostamente conscientes. Imagens e sons que nos fazem rir, mas cujos discursos são tomados como verdadeiros e reproduzidos tanto pelo senso comum, quanto pela mídia. Esse jogo parafrástico nos permite dizer que há outras formas de dizer o mesmo. Tais formas produzem um efeito de igualdade, embora haja um reclame de reconhecimento das diferenças (o índio, o homossexual, o negro) pela exposição repetida no funcionamento de um imaginário da cultura indígena e outras diversidades.

Bergson (2018) afirma que o riso surge através de repetições de gestos, e as semelhanças induzem a imagem a configurar um conjunto de sujeitos articulados entre si e parte desse efeito cômico se constitui de jogos de linguagem.

O jogo de linguagem do qual menciona o autor pode ser constatado nos excertos acima quando os gestos atualizados-repetidos pelo modo caricatural dos sujeitos alunos configuram um imaginário do Índio e do homossexual, assim como, ao dizer “-Aqui ó! Eu quero saber quem foi que andou **ensinando aqui na escola coisa de dia do índio**” induzem ao pensamento que são “coisas” somente de cultura indígena.

Do esquete em análise, trazemos a sequência discursiva:

SD1:

Pai 2: - Aqui ó! eu quero saber quem foi que andou ensinando **aqui** na escola coisa de dia do índio?

Aluno 2: - Índiooo, uuooo

Gestora: -Ah meu Deus! Olha, semana passada foi dia do índio.

Pai 2: -Ah é? Vou processar **essa escola**.

Gestora: -Foi.

Pai 2: -Vou processar **essa escola! (Grifos nossos)**

A escolha da sequência discursiva teve como critério inicial ressaltar o conflito existente entre portugueses (brancos) e índios, com relação à exploração e exclusão desses grupos minoritários. Tendo em vista, também, o início da educação no Brasil.

Consideremos, primeiramente, uma historicidade de lutas e “conquistas” pelos direitos de igualdade dos povos que foram os primeiros habitantes do Brasil. A lei 11.645/08, sancionada pelo Ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 10 de março de 2008, que “altera a lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei 10.639/03”, assegura tratar e ministrar o conteúdo referente à cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino pública e privada, cujo texto apresenta a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.
(NR)

Vemos, na SD1, que o sujeito comediante (mídia) trabalha com o sentido de escola como a instituição responsável pela aquisição do saber (única e exclusivamente), aparece como um lugar detentor do conhecimento, e do poder de ensinar.

Além disso, o termo “*aqui*”, usado na sequência discursiva “-Aqui ó! Eu quero saber quem foi que andou **ensinando aqui na escola coisa de dia do índio**” como um advérbio de lugar, denota que a posição sujeito (pai) protagonista sugere que a escola seja o único lugar de ensino e aprendizagem, como se em nenhum outro lugar se falasse em índio, ou demais questões referentes, existindo, assim, um apagamento da importância e a relevância da diversidade cultural brasileira.

Outro sentido que pode ser aventado a partir do advérbio “*aqui*” advêm do fato de que, a despeito de a escola ser autorizada por uma lei ao tratar de tais assuntos, há o questionamento dos pais, já que o tema acerca do índio não seria relevante. Considerando isso, a produtora joga com o humor mostrando que há um questionamento às avessas desse discurso identitário.

O apagamento da identidade indígena é legitimado por documentos e descrições em livros didáticos, assim como na mídia, a linguagem verbal, e o comportamento corporal desses sujeitos índios em tempos passados configuram um determinado tipo de saber concernentes às predileções do poder dominante. O que, de certo modo, reforça a ideia de que a circulação rápida na mídia digital sobre a linguagem do sujeito índio produz relações de força e poder.

Um discurso que vai se constituindo, subsidiado pela complementaridade entre a linguagem verbal e visual apresentadas. A escola, enquanto instituição pública de ensino, busca trazer temas para o ensino-aprendizagem dos mais variados contextos, assuntos que por muitos são esquecidos ou fingem não existirem (temas como: sexualidade, identidade, direitos conquistados, datas comemorativas etc.). Assuntos estes que demonstram sofrer preconceito e, ao serem tratados no âmbito escolar, são vistos como grandes “tabus”.

Nesse contexto, a técnica utilizada pela produtora Porta dos Fundos nesse esquete é a do cômico, pela qual se exagera o objeto de discurso, ou seja, como o discurso conservador pensa o índio; esse exagero, por incrível que pareça, corresponde ao que veem, pensam, dizem os conservadores. Portanto, o Porta dos Fundos enuncia da Formação Discursiva conservadora para criticar a visão conservadora.

Em um outro esquete do Porta dos Fundos chamado “Escola Sem Partido”, o vídeo narra o contexto sala de aula, aparentemente em uma escola do ensino público, em que uma professora negra ministra a aula contextualizando a escravidão no Brasil. Antes de avançarmos a descrição, vejamos a transcrição da linguagem verbal:

ESCOLA SEM PARTIDO

Professora: - Hoje vamos falar sobre a suposta escravidão, que teria ocorrido no Brasil no século XIX. Mas por que “suposta”? Porque há controvérsias. Há quem prefira chamar de “mão de obra gratuita”, né? Eu não vou usar “escravidão”, se não eu vou tá falando contra. E eu sou professora, eu não estou aqui pra tomar partido de nada, né?

Aluno 1: - Mas professora, a escravidão não foi um processo cruel?

Professora: - Olha, Marquinhos, muitos diriam que sim, né? mas eu não tô aqui pra doutrinar ninguém. Inclusive, eu sou obrigada por lei a lembrar que foi graças à escravidão que o Brasil cresceu como nunca. Tem muito mimimi sobre isso, afinal de contas tudo tem dois lados, e eu não acho bom a gente entrar no mérito de julgar ninguém.

Aluno 2: - Professora, você não esclareceu muito. Você é a favor ou contra a escravidão? E outra coisa, o som está muito baixo e com ruído. Pode repetir?

Professora: - Eu entendi o que você quer que eu faça Jéssica. Mas você não pode me obrigar a tomar partido de um assunto tão espinhoso como esse. A escravidão é um assunto que dividiu o Brasil em dois lados, e eu não sou

obrigada entra nesse Fla x Flu. É bem complicado! É tudo muito controverso, parecido com assim chamado golpe de 64.

Aluno 1: - Foi golpe ou foi revolução?

Professora: - Muitos diriam que foi golpe. Outros, revolução. Mas o que seria do vermelho se todo mundo gostasse de amarelo?

Aluno 2: - Será que você pode repetir essa parte que foi “golpe”? Porque o microfone entrou em quadro.

Professora: - Eu prefiro não.

Aluno 2: - Você pode falar sobre o Holocausto?

Aluno 2: - Professora doutrinadora falando do Holocausto, take 1.

Professora: - Alguns historiadores afirmariam que teria existido um suposto Holocausto, que talvez teria morrido muita suposta gente. Mas eu não vou dizer que existiu ou foi ruim, senão eu vou tá tomando partido contra o suposto nazismo. E eu não sou maluca de fazer isso, porque eu não quero trabalhar na Di Santinni.

Aluno 1: - Mas qual o problema de trabalhar na Di Santinni?

Professora: - Nenhum! Inclusive amo a Di Santinni, hein! Um beijo, Di Santinniii! um beijo Dafiti também, nada contra Arezzo, hein! Eu só falei Di Santinni porque o professor Rogério, de biologia, falou besteira, foi demitido e tá trabalhando lá desde então.

Aluno 2: - O quê que ele falou, professora?

Professora: - Ah, ele falou que o órgão sexual masculino, ele ... parou, parou! Parou a palhaçada, todo mundo! Desligou o celular, que isso? Todo mundo abrindo o livro de história.

Professora: - Não! O outro, Alexandre Frota.

...

Professora: - Graças Lula Brasil cresceu com mão de obra, cresceu.

Revolução Vermelha. Prefiro Ele Não. A Globo que dividiu o Brasil em dois lados. Escravidão, péssima.

Professora: - Golpe, amo. É claro, vermelho. Lula livre

Notemos que os alunos tentam a todo momento fazer com que a professora se posicione a favor ou contra o assunto, com questionamentos também sobre o holocausto. Ou seja, assuntos polêmicos em que dificilmente não apareça a posição ideológica de qualquer sujeito que seja. E os alunos, no momento da fala da professora, gravam tudo, e até pedindo para repetir porque o som anterior tinha saído com ruído. Em 2020 o vídeo já concentrava mais de 1.759.766 visualizações no Youtube.

As condições de produção que se deram no momento da exibição deste esquete dialogam com um acontecimento sobre um processo no Estado de Santa Catarina, em que uma aluna e a mãe pediram uma indenização de 100 mil reais por reparação de danos, ao Estado. Baseando-se no fato de que, a professora de história estaria abusando “do cargo para atacar a

religião dos alunos e difamar adversários políticos do Partido dos Trabalhadores (PT) em sala de aula”, segundo o advogado da causa Miguel Nagib³.

O Projeto de Lei Estadual denominado “Escola Sem Partido” e, posteriormente, debatido em câmaras municipais, assim como em assembleias legislativas, proíbe a posição política-ideológica dos professores no ensino público, ou seja, uma possível “doutrinação⁴ nas escolas”.

Na posição daqueles que defendem o referido projeto, cabe aos professores manter uma neutralidade discursiva (não tomar partido), de modo que não exponham suas opiniões nas salas de aula, assim como não encorajem os alunos à participação política.

O site do Programa Escola Sem Partido apresenta os princípios do movimento desde que surgiu em 2004, a base do projeto é apresentada na forma de um cartaz, que caso o projeto seja aprovado, deverá ser colocado em todas as salas de aula para destacar o que consideram ser os deveres dos professores. O polêmico projeto de lei se apresenta como sendo contra escolas e Universidades que pregam “propaganda ideológica, política, partidária”. Além disso, deixam disponível o documento para que municípios e estados possam aderir ao movimento. O projeto de lei tramita na Câmara Federal (PL 7180/2014).

Segundo Daltoé (2019, p. 212) sobre o Escola Sem Partido (ESP) e os acontecimentos recentes relacionados aos direitos dos cidadãos destaca que:

É nesse cenário que o ESP toma força, não por acaso ao lado de uma série de desmontes que nossa já frágil democracia vem enfrentando: num momento de fortalecimento de discursos reacionários, de criminalização de movimentos sociais, de ataques às leis trabalhistas e ao direito à aposentadoria, entre outros direitos já duramente garantidos pela Constituição de 1988. Ou seja, o ESP não está sozinho, vem ao lado da aprovação da PEC 241, emenda constitucional que estabelece teto para os gastos públicos, congelando os investimentos em 20 anos, somando-se a cortes orçamentários, suspensão de programas e projetos importantes para a educação pública, redução de bolsas de pesquisas, investimentos e financiamentos na área, entre outros. (DALTOÉ, 2019, p. 212)

Desse modo, a autora nos chama a atenção para os desmontes que a educação e o cidadão brasileiro vêm sofrendo.

Na educação (escola) ou em qualquer outro sistema, é difícil não se ter uma posição, digamos que não se trata de uma posição no sentido de esquerda ou direita (partido). De acordo

³ Vídeo disponível no site <https://www.escolasempartido.org/>

⁴ Substantivo feminino; Ação ou efeito de doutrinar, de instruir alguém numa doutrina, de passar os preceitos formais que compõem uma ideia. Segundo dicionário Aurélio online disponível em <https://www.dicio.com.br/doutrinacao/>

com a teoria que sustenta nossa pesquisa, sabemos que o sujeito é constituído por uma ideologia e não há espaço para a neutralidade.

Sendo assim, “ o ESP condena os professores que estariam em sala de aula fazendo uso político de uma doutrinação ideológica, quando o Projeto quer fazer justamente a mesma coisa. ” (DALTOÉ, 2019, p. 216)

Tal reflexão se relaciona ao fato de que, se o projeto fosse aprovado, os professores estariam submissos a uma classe dominante.

Do esquete apresentado acima, denominado Escola Sem Partido, separamos as seguintes SDs:

SD2:

Professora: - Hoje vamos falar sobre a **suposta escravidão**, que **teria** ocorrido no Brasil no século XIX, mas por que suposta? Porque há controvérsias, há quem prefira chamar de mão de obra gratuita, né! Eu não vou usar escravidão senão eu vou **tá falando contra. E eu sou professora, não estou aqui pra tomar partido de nada.** (Grifos nossos)

Depreendemos daí uma forma de resistência no fato como o assunto foi abordado, de um modo irônico e na forma como o discurso do sujeito professora, aparentemente, demonstra imparcialidade. No entanto, a teoria do discurso na qual nos pautamos aborda que todo sujeito é constituído ideologicamente; segundo Orlandi (2005, p. 17), “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Sendo assim, essa imparcialidade subentendida no discurso causa espanto e graça pelo fato de o sujeito professora não “tomar partido de nada”, o que, por si só, revela algo do impossível.

Há alguns elementos significantes utilizados nesta sequência discursiva que evocam o riso, assim como fazem emergir efeitos de sentido de resistência à opressão. Ao tomar a língua como não transparente, podemos perceber linguisticamente pelo enunciado “Eu não vou usar **escravidão**” que a retomada da palavra “escravidão” enfatiza o fato histórico em si. Assim como, o enunciado “**tomar partido de nada**” reverberam os acontecimentos atuais, e que, em pleno século XXI, ainda fazem externar através de uma formação discursiva do sujeito professora negra os sentidos de que houve e há um povo oprimido, privado de autonomia sobre si e sua linguagem, desprovido de direitos. A escolha de uma negra para tratar do assunto da escravidão aponta para um conflito da negação da identidade negra e de suas lutas ao longo da história brasileira. Assim, *não tomar partido*, não se posicionar, implica à professora negar sua própria condição.

Ironicamente, podemos revelar pelo jogo que a língua engendra entre o não dito e o dito, que há justamente a tentativa de mostrar que o Escola Sem Partido pretende controlar os sujeitos alunos e professores a partir da alienação de ambos; alienação compreendida como aquilo que ocorre “quando o indivíduo não consegue discernir e reconhecer o conteúdo e o efeito de sua ação interventiva nas formas sociais”. (ORLANDI, 2017, p. 218)

Isso denota que “enfim, parece mais adequado propor que, para cada FD, há um conjunto de pré-construídos (discursos transversos, etc.) no interdiscurso, aos quais um sujeito pode ou deve recorrer” (POSSENTI, 2009, p. 158).

A forma como o sujeito professora se coloca discursivamente contribui para não sentenciar uma interpretação fechada. A utilização do verbo no futuro do pretérito “teria” implica uma tentativa de não contingenciar os sentidos. Neste ponto, há uma deriva imposta pela formação discursiva, uma vez que pode ter ocorrido ou não tal fato.

Desse modo, ainda há um outro deslizamento de efeito de sentido no que diz respeito à forma como o esquete aborda os fatos históricos, tentando desconstruí-los. Podemos depreender que há uma crítica e associação com o momento em que vivemos, ao refletirmos sobre os fatos históricos sendo distorcidos e/ou amenizados pela “LHT HIGGS LTDA” conhecida como Brasil Paralelo.

A empresa brasileira criada em 2016 em Porto Alegre, por Lucas Ferrugem, Henrique Viana, Filipe Valerim, denomina-se mídia independente e alega não se vincular a partidos políticos. No entanto, durante o início governo do presidente Jair Bolsonaro, obteve privilégios em vários aspectos e seus documentários são bastante criticados devido a distorções em suas informações, por vezes, faltando com a verdade. Tanto que, já houve fatos desmentidos pelo Supremo Tribunal Eleitoral (TSE). A empresa também alega defender ideias e valores, um deles é “bater de frente com o sistema educacional brasileiro”⁵.

Em seguida, apresentamos outra sequência discursiva com a intervenção de uma aluna, vejamos:

SD3:

Aluno 2: - **Professora, você não esclareceu muito, você é a favor ou contra a escravidão?** E outra coisa o **som está muito baixo e com ruído**, pode repetir? (**Grifos nossos**)

⁵ Fala de Filipe Valerim no “Os Donos da Verdade” (filme completo) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8kn4mFP3uUY>

Evidentemente, a posição sujeito professora detém grande responsabilidade e importância na constituição do imaginário do sujeito aluno. No plano do imaginário, o professor é significado como aquele que detém o saber (conhecimento), ou seja, trata-se de uma imagem historicamente construída que tem a sua eficácia na sociedade, em especial no discurso escolar. E seu dizer (discurso) estabiliza uma ideia de verdade.

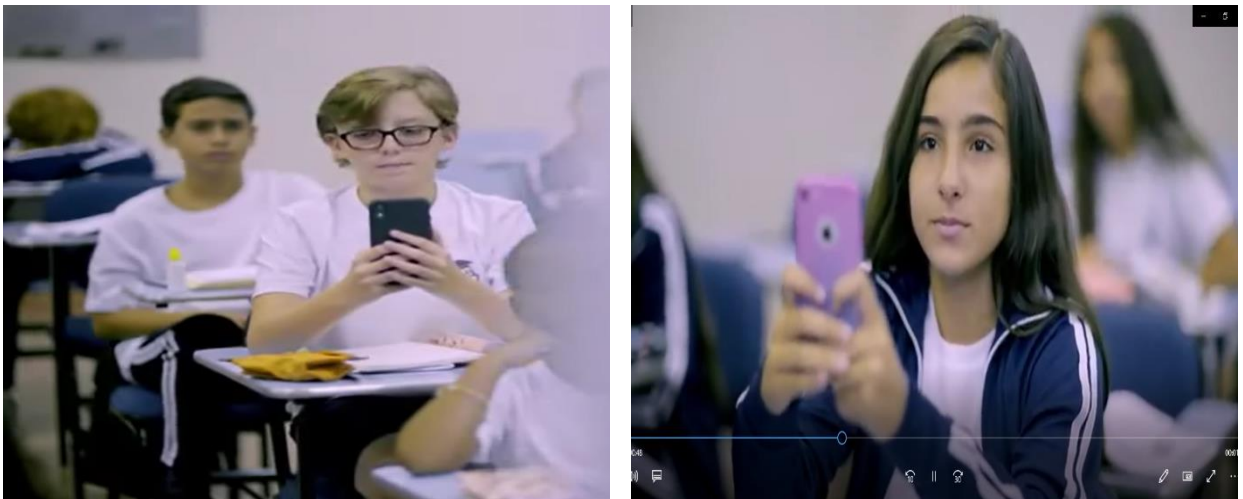
Sendo assim, no batimento entre o plano verbal apresentado no excerto (SD3) e o recorte da figura (3), observamos que a encenação revela o sujeito-professor desautorizado a manifestar seu posicionamento, em função do que rege o Projeto Escola Sem Partido.

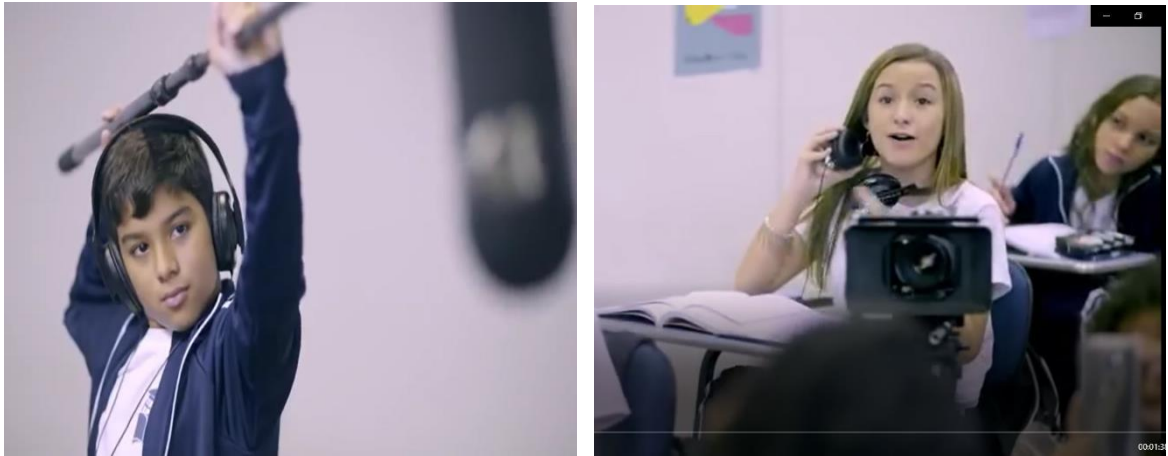
Importa dizer que, nessa condição de produção, o que provoca o riso, que deixa a sequência com efeito cômico é a insistência e manobra do sujeito aluna, para que a professora dê indícios de seu posicionamento ideológico sobre o assunto tratado na aula.

Vale a pena ressaltar, na materialidade linguística a seguir, a individuação do sujeito aluno pelo discurso digital: “(...) a tecnologia fornece-impõe uma realidade, com a qual os sujeitos se identificam” (DIAS, 2008, p. 35). O discurso da mídia tem um modo próprio de circular e não é possível olharmos para esse discurso digital como transparente, um mero instrumento, um objeto.

Vejamos o recorte seguinte:

Figura 3 - Escola sem partido / Porta dos Fundos





Fonte: Disponível em <https://www.portadosfundos.com.br/video/escola-sem-partido>

No recorte apresentado na Figura 3, os alunos utilizam os celulares para filmar, flagrar, coibir a posição ideológica da professora de história frente aos assuntos tratados na aula. Mas, reparem que a todo instante há uma pitada de humor, sarcasmo, pois na segunda imagem a aluna está com uma câmera de alta resolução. Sabemos que a tecnologia faz parte do cotidiano dos nossos discentes, mas como vivenciamos o ensino público demanda melhores condições de trabalho e assistência, configurando um grande desafio na atuação de educar, já que não é corriqueiro esse tipo de material na maioria das escolas. É claro que esse instrumento pertence a um tipo de clientela “elite”, “mais abastados”.

No esquete ora analisado, a ironia e o exagero cômico produzem uma caricatura, um exagero do sentido. Mobiliza-se a técnica do cômico tal como Freud o concebe. A caricatura está não só na fala da professora como nos alunos monitorando-a com seus celulares.

Observamos os efeitos de uma memória, instaurada no texto e no jogo de sentido produzido pela materialidade visual, de sujeitos-alunos inscritos numa mesma formação discursiva (instituição, estado); uma memória na qual se ancora o que pode e como pode ser dito, produzindo, assim, o efeito de evidência e verdade para aqueles que se identificam ideologicamente com a mesma formação discursiva.

Nesse sentido, considerando a linguagem verbal (as formulações linguísticas orais) e visual (caracterização dos sujeitos) nesse esquete, notamos que os modos como o aluno no âmbito escolar pelo viés midiático são significados diferem significativamente, o que permite compreender que tipo de sujeito protagonista está sendo projetado.

Segundo Orlandi (2007b, p. 84):

O gesto do analista é determinado pelo dispositivo teórico enquanto o gesto do sujeito comum é determinado pelo dispositivo ideológico. Sem esquecer que determinar significa ser constitutivo e não relação de causa/efeito, muito

menos mecânica. Nos dois gestos temos mediação. Mas a mediação da posição construída pelo analista não reflete, ao contrário, trabalha a questão da alteridade. Na mediação do dispositivo ideológico, o sujeito está sob o efeito do apagamento da alteridade (exterioridade, historicidade): daí ilusão do sentido lá, de sua evidência.

Sendo assim, em virtude de seu caráter de verdade, o discurso digital sobre educação pode trazer sentidos outros e, dessa forma, a escola pode significar de diferentes modos para diferentes sujeitos.

Figura 4 - Escola sem partido (Professora) / Porta dos Fundos



Fonte: Disponível em <https://www.portadosfundos.com.br/video/escola-sem-partido>

Se observarmos o entorno desta cena (linguagem visual), outro efeito de sentido provocado pela imagem da professora é a alegoria que o autor do esquete tenta demonstrar ao tratar de um assunto tão polêmico, a escravidão negra no Brasil, com o sujeito professora representada por uma negra que tende a ter uma visão e inscrição em um contexto histórico tão importante na história do Brasil, o que torna a cena com um efeito de ironia: como esse sujeito não teria uma inscrição ideológica? E mais, a propósito do modo como a cena decorre, esse mesmo sujeito continua submisso, interdito por um sistema institucional, e que podemos observar na Figura 4. Isso nos remete a uma memória discursiva, pelo fato de o atual governo (presidente Jair Bolsonaro) ter permitido e incentivado que os alunos filmassem professores em

suas aulas; o ex-ministro da educação Abraham Weintraub alegou que é direito do aluno e que os professores não precisavam ficar “apavorados”.

Convém dizer que houve muitas discussões a esse respeito; a revista *Veja*⁶, em formato digital, trouxe a fala do ex-ministro em que ele alega: “Não incentivo ninguém a filmar uma conversa na rua, mas elas têm direito de filmar. Isso é liberdade individual de cada um. Vou olhar os casos com calma. Não faremos nada de supetão” (grifo nosso). Sendo assim, o esquete em sua formulação visual mostra o ponto de encontro entre uma memória e um acontecimento discursivo.

A forma como o sujeito professora se coloca discursivamente na sequência discursiva acima reverbera esses planos pictóricos constituídos historicamente e que são ativados pela memória discursiva. Sendo um sujeito apagado pela opressão do Estado que legitima projeto e práticas coercitivas, que determina o que deve e pode ser ensinado e como deve ser ensinado, sem “tomar partido”, sem questionar, sem mostrar diferentes posições.

Nesse sentido, podemos dizer que o autor dos esquetes ocupa uma dada formação discursiva, não sendo neutra e transparente. Pois, todas as mudanças ocorridas com relação ao modo de conceber o ensino têm relação ao momento sócio-histórico e ideológico em que foram produzidos os esquetes, melhor dizendo, suas condições de produção, do modo como aponta Orlandi, ao dizer que essas “condições de produção específicas que produzem, nos furos da ideologia, também formas de resistência que têm sua materialidade, sua historicidade de tal modo que não podemos pensá-las apartadas dessas condições que as produzem” (ORLANDI, 2017, p. 223).

No próximo esquete analisado, denominado “Merenda”, podemos relacionar as suas condições de produção ao acontecimento histórico em que surgiu um escândalo no meio digital (sites de jornalismo) e televisivo, no que diz respeito ao roubo de verbas da merenda escolar em alguns estados brasileiros, tais como Alagoas, Goiás, entre outros a partir de 2012, envolvendo empresários, diretores escolares, funcionários públicos. No ano de 2015, surgiram nomes de supostos políticos envolvidos.

No esquete, a cena acontece na sala de aula em nível de alfabetização, em que a professora termina sua aula e pede para falar com um aluno, chamado Paulinho. No decorrer da conversa, a professora ameaça o anão para que não atrapalhe seu esquema e que ela não seria

⁶ Disponível em <https://veja.abril.com.br/educacao/para-ministro-da-educacao-filmar-professores-em-aula-e-direito-dos-alunos/>

professora também. Mas estaria na instituição escolar pela merenda e outros benefícios. A cena termina com a chegada do pai do anão na porta da sala de aula. Vejamos:

MERENDA

Professora: - E a rosa gritou com gato Guto...

Professora: -E a história vai ter que ficar pra amanhã. Não dá mais tempo hoje!

Professora: -Então vamô todo mundo recolhendo tudo, levantando que papai e mamãe estão esperando lá fora. Pode ir todo mundo, tchau!

Professora: -Paulinho, fica! Então, Paulinho tem 2 meses que as aulas começaram né, e eu tô pra te perguntar desde o primeiro dia, você não é uma criança, né?

Aluno: -Eu sou criança tia!

Professora: -Olha só, a tia trabalha com criança, eu sei que você não é uma criança. Então, é só repetir assim comigo: tia eu não sou uma criança. Se lembra que a tia falou que mentir era feio?

Aluno: -Mas eu sou criança tia!

Professora: -Então escuta aqui seu anão viado de merda, eu já saquei qual que é a tua tá. Ta vindo aqui só por causa da merenda, que só pra comer de graça que eu sei. Sabe como eu sei? Porque eu não sou professora porra nenhuma, só que eles aqui acham que eu sou. Então eu venho pra cá, eu leio meu livrinho. Eu do mole prum pai ou outro na saída, tiro meleca de nariz de criança, tiro pelotinho de coco de cu de criança. Eu to aqui pela minha grana, eu ganho meu dinheiro, ganho presente no meu aniversário, ganho flor de vez em quando, eu ganho ovo de chocolate pra caralho na páscoa, não vou deixar anão nenhum fude com meu esquema, cê tá entendendo?

Professora: -Sabe o que tem nessa mochila aqui? Nessa mochila eu tenho uma faca maior que você inteiro, sabe o que vai acontecer com você se você aparecer aqui amanhã? Eu vou enfiar essa faca na tua barriga que cê vai ficar igual um boneco de totó, sabe aquele bolinho? Então, você vai ficar que nem um bonequinho com uma vara de ferro enfiada na barriga. Você quer? Então não sei você ...

Pai: -Tá tudo certo aqui professora Deise?

Professora: -Tudo! Tudo certo né Paulinho?

Aluno: -nenê coco!

Como já dissemos anteriormente, enquanto procedimento analítico, no batimento entre descrição e interpretação, apresentamos o imbricamento entre o verbal e o visual para melhor conseguirmos trabalhar a opacidade do *corpus*. Sendo assim, trouxemos o recorte 5:

Figura 5 - Merenda



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yTQ9vV18u0k>

Observemos a sequência discursiva a seguir que descreve o dizer do sujeito professora com o sujeito aluno.

SD4:

Professora: - **Então escuta aqui seu anão viado de merda, eu já saquei qual que é a tua tá. Ta vindo aqui só por causa da merenda, que só pra comer de graça que eu sei. Sabe como eu sei? Porque eu não sou professora porra nenhuma, só que eles aqui acham que eu sou. Então eu venho pra cá, eu leio meu livrinho.** Eu do mole prum pai ou outro na saída, tiro meleca de nariz

de criança, tiro pelotinho de coco de cu de criança. Eu to aqui pela minha grana, eu ganho meu dinheiro, ganho presente no meu aniversário, ganho flor de vez em quando, eu ganho ovo de chocolate pra caralho na Páscoa, não vou deixar anão nenhum fuder com **meu esquema**, cê tá entendendo? (**Grifos nossos**)

Nesse esquete, trazido na Figura 5, notamos que o trabalho de associação simbólica pelo autor ao colocar um anão no lugar de uma criança produz o riso, passa a ser visto como engraçado, o leitor/ouvinte tem um imaginário do sujeito aluno (criança). Sendo assim, o cômico é produzido pela ruptura da expectativa: no lugar de uma criança, vemos um anão. Diga-se de passagem, o anão é um adulto no corpo de uma criança.

O imaginário de criança no contexto escolar pressupõe noções de faixa etária, assim como, noções “infantilizadas” no sentido de que as crianças são verdadeiras, curiosas. São sujeitos que pensam e sentem de um modo peculiar, além disso, são instituídos de direitos e deveres. Não cabe aqui determinar o que seria a concepção de criança nas mais variadas áreas do conhecimento. Mas, baseamo-nos no “Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA”, para enfatizar que essa concepção se estende até aos doze anos. E é essa noção que tomamos como imaginário de criança e que o sujeito leitor/ouvinte carrega, enquanto um já-dito institucionalizado.

Na cena, importa dizer que a ironia aparece na desvalorização da posição professora, e na relação com o sujeito aluno. Segundo Mota (2010, p. 126), o “cômico se aproxima do carnavalesco de que fala Bakhtin, em que boa parte do prazer é obtido por meio do rebaixamento do outro”.

Com base na análise, é possível perceber que o humor não representa somente uma brincadeira com o intuito de divertir, como uma mera distração, mas, sim, aproxima-se do acontecimento social e histórico, e dele podemos extrair o prazer cômico e, conseqüentemente emergir o riso.

Na sequência discursiva (SD4) acima, temos o “anão” que se identifica tanto com a professora, adulta, e os alunos, criança. Um contraste entre o sujeito e a posição sujeito ocupada; na cena representada pela Figura 5, identificamos traços físicos (barba feita) de um sujeito adulto. Este mesmo sujeito, no decorrer do esquete analisado, demonstra em seu dizer ocupar a posição sujeito criança “Eu sou criança, tia!”, e, imitando voz de criança.

Por outro lado, faz transparecer o fato de o sujeito professora ocupar o cargo de professora, mas não se identificar como tal. Nesse caso, ambos os sujeitos (professora, anão) nos levam a refletir sobre o imaginário dos sujeitos que compõem o contexto escolar. Qualquer

um pode se dizer professor? A profissão traz muitos benefícios? A escola é a fuga para resolver problemas, inclusive da fome e miséria, ou é simplesmente um “esquema”? Esses questionamentos entre tantos outros ecoam constantemente nos sujeitos engajados na luta por uma educação de qualidade.

Quando analisamos a (SD4), podemos perceber que há uma ironia quanto ao trabalho do professor no emprego do termo “livrinho”, determinada pela marca linguística no diminutivo e pela ação desenvolvida pelo sujeito professora quando se deu o encerramento da aula. Desse modo, o entorno desta cena discursiva e o uso do termo “livrinho” tratam de forma pejorativa a prática pedagógica adotada pela professora, como se o trabalho do professor se limitasse a seguir um livro. Tendo, assim, como único recurso metodológico para suas aulas, o livro, e qualquer pessoa poderia ministrar aula fazendo uso desse instrumento linguístico.

Depreendemos, desse excerto, uma crítica social com relação à valorização do professor, que tomado por uma memória do ato de presentear (a criança presenteia a professora) estaria sendo privilegiado. Desse modo, percebemos o humor provocado pelo avesso, pois se o anão fosse criança mesmo, não teríamos o efeito cômico.

O contexto escolar é um cenário propício para discutir e problematizar acontecimentos cotidianos, políticos e econômicos. Assim como, pode significar um ambiente para a desidentificação, exclusão. Outros gestos de interpretação também podem trazer à tona os sentidos de um sistema institucional vulnerável, que contradiz o diferente e se sobrepõe.

Acerca dessa questão, Medeiros (2014) nos apresenta que:

Há um deslize que marca o antagonismo ideológico dos sentidos que constituem nossa sociedade e que nos aponta desafios para além da ordem prática de como promover a inclusão num espaço histórico-discursivo afetado pela divisão e mantido pela segregação. Essas mesmas práticas apresentam uma relação de tensões e forças nos dias atuais. (MEDEIROS, 2014, p. 86)

Pelo dizer da autora, podemos afirmar que, na instituição escolar demonstrada pela mídia de modo irônico, há grandes dificuldades de aceitação do diferente. Tendo em vista que o discurso existe no social e na relação dos sujeitos, a mídia opera no social a partir de uma formação ideológica que delinea os sentidos em suas práticas. Sentidos estes que reproduzem discursos concebendo a sociedade como “constituída por relações de poder.”

Apresentamos, no subcapítulo a seguir, a análise acerca dos esquetes produzidos pela produtora Parafernália.

3. 2 Deslocamentos de sentidos ou os mesmos sentidos no discurso humorístico da produtora Parafernália?

A mídia digital e as redes sociais têm papel preponderante na atualidade, no que diz respeito à propagação de discursos que suscitam vários estereótipos sobre os integrantes da instituição escolar.

Para conseguirmos alcançar nossos objetivos neste trabalho, delimitamos a análise de três esquetes da segunda produtora de vídeos, denominada Parafernália. O primeiro esquete analisado intitula-se “Escola sem Partido”, e, que por “coincidência”, foi postado na rede no mesmo dia que o esquete da outra produtora de vídeo, Porta dos Fundos, também intitulado “Escola sem Partido”. Vejamos a transcrição do esquete na íntegra:

ESCOLA SEM PARTIDO

Mãe: -Boa tarde! Que história é essa de marcarem na agenda do Miguel uma briga entre ele e o colega de classe?

Gestor: - É, mas é o que tá escrito aqui mesmo. Miguel e Henzo se desentenderam na aula de educação física.

Mãe: - Até aí eu entendi, mas eu quero que explique.

Gestor: - Bom! O Miguel disse que o Henzo batia na bola feito uma tiola. O Henzo disse que a puta da mãe dele, não reclamava quando ele batia na bunda dela. Aí os ânimos se exaltaram e eles marcaram cinco minutinhos na porrada sem perder a amizade. Eu achei sussa!

Mãe: -Ah, você achou sussa? Ninguém fez nada? Ficou todo mundo olhando. Alguém tem que fazer alguma coisa, gente.

Gestor: -Ah, não, não, não senhora. A senhora não entendeu, essa escola não toma partido.

Mãe: - Não toma partido? Eles têm dez anos, pelo amor de Deus, alguém tem que fazer alguma coisa.

Gestor: - Desculpe, minha senhora, mas essa escola não vai entrar em nenhuma polêmica.

Mãe: - Que caralho de polêmica? Qual a dificuldade de falar que não precisa brigar, pode resolver no diálogo, de forma oral.

Gestor: - hummm, maior vacilona, forma oral. Minha senhora, eu não digo como a senhora deve educar o seu filho e a senhora não diz como os meus professores devem ensinar, tá? Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

Mãe: - Não meu amor, as duas coisas estão bem ligadas se o senhor não entendeu.

Gestor: - E além do mais, minha senhora, não adianta só explicar que brigar tá errado. A situação é mais complexa, quando Miguel diz que o Henzo bate na bola feito tiola, supostamente ele ofende os gays, e supostamente sugere que eles são frágeis, que eles sejam fracos. Minha senhora, supostamente são duas polêmicas.

Mãe: - Supostamente é o caralho, meu senhor! É exatamente isso que ele tá fazendo, por isso que eu me preocupo, eu não permito esse comportamento

dentro de casa, entendeu! A escola tem que orientar também, tem que fazer alguma coisa.

Gestor: - Mas eu estaria me posicionando, minha senhora!

Mãe: - A que, meu senhor, a favor dos gays? De que os homossexuais merecem respeito, da diversidade?

Gestor: - Ahh, minha senhora, tem famílias aqui nessa escola que não aceitam esse estilo de vida. A senhora quer que faça o que? Enfie isso guela abaixo nas pessoas?

Mãe: - Isso não é questão de opinião meu amor, é questão de respeito.

Gestor: - Além do mais, minha senhora, sem contar que o Henzo quando ele chama a senhora de puta, ele levanta uma série de questões. Existe machismo? Existe uma repressão sexual em cima da mulher? Minha senhora, é muita polêmica, são quatro!

Mãe: - Ah, são quatro! Será que existe? Que mundo você vive? É claro que existe!

Gestor: - Existem sim muitas perguntas, várias respostas, e diversas opiniões e não cabe à escola interferir nisso.

Mãe: - Não cabe à escola?

Gestor: - Não!

Toc, toc.

Funcionário: - Seu Claudio. Oi, perdão, desculpa! Seu Claudio acabei de pegar mais uma vez alunos no banheiro escrevendo a frase, tio Claudio coçou o cú com serrote!

Gestor: - Bom, então você pede pra ele passar aqui pra gente conversar depois que eu terminar.

Funcionário: - ta bom, pode deixar, desculpa aí.

Mãe: - Peraí, peraí com ele tem conversa e com meu filho não?

Gestor: - Ele vai passar aqui, eu vou marcar na porta da escola, e vou lamber esse moleque na porrada.

...

Alunos: Briga, briga, briga.

Aluno: - Vem pra cima, vem.

Gestor: - Vem filho da puta, cai dentro, vou te mostrar quem é que coça o cú com serrote.

A cena discursiva “Escola sem Partido” apresenta uma mãe cobrando explicações do diretor escolar sobre a anotação na agenda do filho; o fato é que a criança brigou com um colega, na aula de educação física. A mãe questiona porque simplesmente não conversaram com as crianças sobre não poder brigar e o respeito ao próximo. O diretor explica que a escola não toma partido e não vai entrar em nenhuma polêmica. O argumento do diretor está embasado no fato de que, ao repreender um ou outro, estaria levantando uma série de questões e inclinado “para um partido ou outro”, gerando polêmica para a instituição escolar.

Figura 6 - Escola sem partido/ Parafernália



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=37uRo8iKXDA>

Trazemos a seguir a sequência discursiva:

SD5:

Gestor: -Ah, não, não, não senhora. A senhora não entendeu, **essa escola não toma partido.**

Mãe: - Não toma partido? Eles têm dez anos, pelo amor de Deus, alguém tem que fazer alguma coisa.

Gestor: - Desculpe, minha senhora, **mas essa escola não vai entrar em nenhuma polêmica. (Grifos nossos)**

Temos o enunciado central inscrito em uma memória discursiva trazida anteriormente sobre o projeto de lei “Escola sem Partido”; aqui, o sujeito que se limita a não tomar partido é a posição sujeito diretor, possivelmente, gestor da escola particular, o que, de certo modo, vem reafirmar, através de um outro sujeito, que a escola, nessas condições de produção, não pode mostrar “partido” sobre assuntos que regularmente são resolvidos de maneira coerente, mesmo que tenha uma ideia de independência institucional.

Esse esquete mostra o efeito de uma escola sem partido, ou seja, como pode ser e como seriam tratadas as relações entre os alunos e os pais desses alunos. Trata-se assim, de um

enunciado irônico. A produtora de esquetes Parafernália trouxe uma situação colocando uma lente de aumento a fim de mostrar quão ridículo é esse projeto. Sendo que, os pais não questionariam essa falta de posicionamento? Na sequência recortada, percebemos o quão complicado seria o trato com os pais para resolver qualquer divergência de ideias dentro do contexto escolar.

Outro efeito de sentido depreendido pela SD5, considerando o que a posição sujeito mãe compreende a partir de sua formação ideológica como “tomar partido”, é que nem todos concordam com a implantação do projeto de lei “Escola sem Partido” na instituição escolar, reforçado pelo enunciado “A escola tem que **orientar** também, **tem que fazer alguma coisa**”. Diante disso, percebemos que a posição sujeito mãe, pelo já dito de uma memória discursiva, acredita que a escola é um ambiente para expor e orientar as questões de cunho social. Essa interpretação pode ser corroborada por Benites (2017, p. 286), ao afirmar “que esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito e com o que poderia ser dito e não foi”.

Nesse contexto, podemos notar que a produtora Parafernália utilizou uma linguagem e um contexto menos direto, mas abordou questões polêmicas produzidas lá no início do mandado (campanha) do atual presidente Jair Bolsonaro sobre gays, mulheres (machismo) e negros. Sem efetivamente utilizar da linguagem de vídeo (gravação dos professores em sala de aula) para externar as relações de poder que ficaram na opacidade.

Aliás, a partir dos vídeos, há irrupção de sentidos característicos dos procedimentos que a Parafernália engendrou para a produção do humor. Isso exterioriza como o discurso humorístico pode sugerir questões demasiadamente cotidianas e/ou questões humanas: como o cultural, o político e o imaginário.

Recortamos desse esquete a linguagem visual que corresponde à sequência discursiva (SD6) para avançarmos em nossa análise:

Figura 7 - Escola sem partido/ Parafernália



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=37uRo8iKXDA>

SD6:

Funcionário: - Seu Cláudio. Oi, perdão, desculpa! Seu Claudio acabei de pegar mais uma vez alunos no banheiro escrevendo a frase, “tio Cláudio coçou o cú com serrote!”

Gestor: - Bom, então você pede pra ele passar aqui pra gente conversar depois que eu terminar.

Funcionário: - tá bom, pode deixar, desculpa aí.

Mãe: - Peraí, peraí com ele tem conversa e com meu filho não?

Gestor: - **Ele vai passar aqui, eu vou marcar na porta da escola, e vou lambar esse moleque na porrada.**

...

Alunos: - Briga, briga, briga.

Aluno: - Vem pra cima, vem.

Gestor: - **Vem filho da puta**, cai dentro, vou te mostrar quem é que coça o cú com serrote. **(Grifos nossos)**

Na última imagem, compreende-se que fora da escola são permitidas ações de violência verbal e/ou física. A briga entre o diretor e o aluno negro (e porque não o branco?), reverbera uma memória que significa os negros como sujeitos sem educação, desordeiros, marginalizados.

Outra possibilidade representaria o imaginário de sujeitos que resistem, não concordam com as condições impostas. Segundo Bressanin (2008, p. 90), “[o] jogo de imagens articulado à linguagem verbal produz diferentes relações de sentidos e reafirma o caráter de incompletude das linguagens”. Nesse sentido, corroborando com as palavras da autora, notamos pelo excerto que a linguagem visual reafirma a forma estereotipada do imaginário do sujeito aluno negro, e que estão sustentadas muitas vezes pela própria mídia digital.

Embora haja outras práticas de ensino educacional, o discurso sobre educação retoma um dizer que ressoa efeitos de sentido constituídos por uma memória discursiva. De acordo com Benites (2017, p. 286), uma *memória social e histórica* relaciona “o dizer dos sujeitos com a tradição do grupo social ao qual se eles filiam ou, mais precisamente, identificam-se.” Nesse caso, o esquete apresentado remonta dizeres com os quais muitos sujeitos se identificam, fato que apresenta um discurso que reforça as desiguais relações de poder entre brancos e negros.

Assim, os sujeitos leitor/ouvinte assumem o discurso conservador para si e o faz circular nos mais variados meios tecnológicos, “a prática de compartilhamento normatiza a relação dos sujeitos com a informação, mas também abre possibilidades para a partilha ou o compartilhar de sentidos outros, um modo outro de enlaçamento social” (ADORNO; SILVEIRA, 2019, p. 211).

No esquete analisado a seguir, por exemplo, houve 22.818.245 visualizações até o momento. Intitulado como “Tipos de Alunos”, o esquete qualifica vários alunos em um contexto de sala de aula; a caracterização é evidente e notada com a discriminação pela linguagem verbal que aparece na cena discursiva a cada entrada de fala dos sujeitos alunos. Dentre as características descritas temos o: CDF⁷, pidão, bombadinho valentão, repetente, aproveitador, dorminhoco, desenhista, maloqueiro, perfeccionista e ansiosos. Com o intuito de interpretar como está sendo significado o imaginário de aluno, iniciamos a análise a partir da transcrição do nosso objeto e apresentação da linguagem visual.

TIPOS DE ALUNOS

Professor: - Bom dia, senhores!

Alunos: - Bom dia!

Professor: - Muito bem mãos à obra! Nós paramos na página 257, não foi?

Aluno CDF: - Não, não, professor na verdade o senhor passou um exercício para casa, caso não lembre, estou recordando.

Professor: - Putz, é verdade eu tinha esquecido.

Aluno CDF: - Eu estou fazendo meu dever como aluno exemplar.

Aluno pidão: - Me empresta a calculadora, aí? Falou parceiro. Me empresta o esquadro? Me empresta a cola? Me empresta a borracha? Me empresta os óculos?

Aluno bombadinho valentão: - E aí Danilo, vamos malhar quando para tirar esse bucho de pudim? Vamos lá comigo! -- Eu tô sem tempo!

Aluno bombadinho valentão: - Não, senta aqui comigo, vamos tirar uma queda de braço agora? Se liga na definição do papai!

⁷ Substantivo masculino: “Pessoa muito inteligente e esforçada que prefere estudar do que participar de atividades sociais e festivas, sendo geralmente o melhor aluno da sala: a melhor nota é sempre do CDF!” o termo também é representado pela etimologia das expressões “cabeça de ferro” ou popularmente conhecida como “cú de ferro”, segundo Dicionário online de português disponível em <https://www.dicio.com.br/>

Aluno bombadinho valentão: - Psiu, Danilo! Está calor aqui, né? Está calor aqui em Danilo!

Aluno bombadinho valentão: - Hein magrelo, toca aqui. Vai malhar ou, seu escroto. Ou Danilo olha o jiu jitsu.

Professora: - Frederico 7.5; Camila 8.5 e Matilda 4.2. Matilda você gosta tanto assim de ficar na oitava série?

Aluno aproveitador: - Marcinha me empresta o lápis azul aí? E o bege? E o verde? E o vermelho também? Apontador?

Professor: - Então a região que fia sob a linha do equador sofre uma açãooo **Zzzzzz** Claudio! Oi, Claudio!

Aluno dorminhoco: - A família dos invertebrados, da família dos crustáceos ... fala professor!

Professora: - Essa aqui é a fórmula essencial ... o Roberta, quer parar de desenhar?

Aluna desenhista: - Estou anotando professora!

Aluno maloqueiro: - E aí Pri, tudo bem? Me empresta a caneta?

Aluna: - Não!

Aluno maloqueiro: - Por que?

Aluna: - Porque não!

Aluno maloqueiro: - Caraca, está escrotona.

Aluna: - Escroto é você! Eu, Hein. Tu pegou minha caneta?

Professor: - Fred 7.5, Roberta 3.2,

Aluna perfeccionista: - Que burrinho...

Professor: - Fabiana 9.9.

Aluna perfeccionista: - O quê? Eu não tirei dez?

Professor: - Praticamente sim, foi só um décimo.

Aluna perfeccionista: - Não, não, não, idiota, Fabiana Albuquerque de Castro Melo. Eu sou uma desonra para a espécie humana.

Aluno CDF: - Gente, isso aqui é um ritual japonês de suicídio chamado seco cu.

Professor: - Catarina 7.5.

Professora: - É que o assassinato do arquiduque, foi um grande motivo para o início da primeira guerra mundial.

Aluno: - Professora, não foi o único motivo.

...

Aluno pidão: - Me empresta seu passaporte, aí?

Aluno: - Que passaporte?

Aluno pidão: - Então me passa a porra da carteira, viado, que eu sei que tem uma nota de cinquenta para tu comer pizza no recreio. Passa a porra dos óculos também. Tu não queria emprestar àquela hora e ficou de sacanagem com minha cara. Bora, bota na minha cara essa porra. Eu hein, agora a gente pode até ser amigo, daqui a pouco eu te devolvo.

Leiamos a figura 8:

Figura 8 - Tipos de alunos





Fonte: Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7c9KRYBFR_A&t=18s

Diferentemente da sequência discursiva analisada anteriormente, o esquete “Tipos de Alunos” se propõe a discussões sobre os integrantes do ambiente escolar, utilizando um humor de modo mais explícito, menos eschachado. Vejamos a sequência discursiva selecionada:

SD7:

Aluno CDF: - Não, não, **professor**, na verdade o senhor passou um exercício para casa, caso não lembre, estou recordando.

Professor: - Putz, é verdade eu tinha esquecido.

Aluno CDF: - Eu estou **fazendo meu dever** como **aluno exemplar**. (**Grifos nossos**)

Na sequência discursiva acima, vemos o imaginário do sujeito “aluno exemplar”, nesse caso, apresenta-se em evidencia um sujeito que se dispõe a cumprir seus deveres e a aplicar o que lhe foi sugerido de forma extraclasse, ou seja, idealiza-se um sujeito capaz de seguir as normas estabelecidas. Um sujeito com a capacidade de retomar sem perdas e danos algo que foi interrompido anteriormente, em detrimento do sujeito professor tomado como “esquecido”, relapso.

No entanto, ao retomar o esquete em sua linguagem verbo-visual, podemos perceber que é a partir de estereótipos que se caracterizam esses sujeitos alunos, principalmente, o aluno exemplar. Podemos afirmar que “o estereótipo é um dos recursos que gera comicidade”. (CARMELINO, 2018, p. 43)

Os estereótipos mobilizados nesse esquete representam discursivamente um imaginário pré-construído de sujeitos alunos, e esta noção resulta das relações sociais e concretiza-se nos discursos coletivos. A circulação desses estereótipos é recorrente na mídia digital; assim, mesmo que em tempos e condições de produção distintas, formam uma correlação discursiva.

Nesse caso, indagamos: o que é ser um aluno exemplar? Como deve agir? Como deve portar-se a outros? Podemos perceber um sujeito submisso, e que vai na contramão dos sujeitos apresentados neste esquete. Ao ser “zuado” pelo restante da turma em mais de uma circunstância, o sujeito “aluno exemplar” reforça a ideia de estar inscrito numa formação ideológica diferente dos demais. Particularmente, ao notarmos o descaso dos alunos com sua própria formação, “aluno dorminhoco” que está despreocupado com seu processo de ensino aprendizagem.

Vejamos mais de perto o modo como é caracterizado o “aluno exemplar”, na Figura 9:

Figura 9 - Tipos de alunos



Fonte: Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7c9KRYBFR_A&t=18s

Pensemos que o aluno exemplar nesse contexto seria o que presta atenção à aula, cumpre todas as atividades propostas, e, é odiado pela turma. Na Figura 9, notamos que o esquete trabalha com a linguagem visual articulada à linguagem verbal para produzir sentidos, sugerindo pela postura (sentado à frente), pelos óculos, cabelo penteado, um imaginário de “aluno exemplar” (CDF), causando, assim, o efeito de sentido de um sujeito que é exceção, que foge ao comportamento dos demais.

Em um novo gesto de interpretação, podemos afirmar que a aluna perfeccionista se inscreve numa mesma formação discursiva (ensino), não sendo a única preocupada com as questões educacionais. Como podemos perceber na sequência discursiva abaixo:

SD8:

Professor: - Fred 7.5, Roberta 3.2,

Aluna perfeccionista: - Que burrinho...

Professor: - Fabiana 9.9.

Aluna perfeccionista: - O quê? **Eu não tirei dez?**

Professor: - Praticamente sim, foi só um décimo.

Aluna perfeccionista: - Não, não, não, idiota, Fabiana Albuquerque de Castro Melo. **Eu sou uma desonra para a espécie humana.**

Aluno CDF: - Gente, isso aqui é um **ritual japonês de suicídio chamado seco cu.**

O sujeito aluna perfeccionista não se conforma com nota atingida, por isso, o efeito de sentido causado pelo humor nesse enunciado reverbera uma crítica à competitividade

intelectual entre os estudantes, a ponto de cometer atrocidades em nome da perfeição, uma auto cobrança prejudicial para os discentes. Além disso, em evidência, percebemos, pelo gesto da aluna perfeccionista, também um falso sentido de “superioridade” (- que burrinho) sobre os demais alunos, que, na verdade, significa pela contradição da capacidade de “organizar seu raciocínio”, controlar seus sentimentos.

Trata-se, portanto, de uma situação em que a mídia, por meio de uma memória discursiva, nos remete a uma época em que era cobrada a excelência no ensino e aprendizado por meio de castigos físicos (palmatória); hoje provavelmente essa cobrança se dê na instituição familiar, ou mesmo uma exigência necessária pela competitividade no campo do trabalho.

E ainda, depreendemos no enunciado “Eu sou uma desonra para a espécie humana” que o sujeito aluna considera que falhou como representante dos seres racionais, pois a espécie humana é pensante e tem a capacidade de comunicar-se. Nesse sentido, o sujeito aluna, não atingindo a excelência e perfeição, passa de maneira exagerada a considerar-se uma vergonha para os sujeitos da mesma espécie. Mais uma vez, a produtora Parafernália trabalha o cômico às avessas na medida em que apresentar um sujeito que nega sua própria condição: ser falho e imperfeito.

Vejamos, na figura abaixo, os sujeitos alunos que compartilham de uma mesma formação discursiva:

Figura 10 - Tipos de alunos



Fonte: Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7c9KRYBFR_A&t=18s

Na Figura 10, em que trazemos a imagem dos alunos Perfeccionista e CDF para demonstrar a ocorrência da comicidade, observamos novamente as marcas de humor pelo enunciado “- Gente, isso aqui é um **ritual japonês de suicídio chamado seco cu.**” e também pela linguagem não verbal notadas na cena discursiva.

Na direção apontada por nossas discussões e partindo das reflexões de Mota (2010, p. 128), “o humor representa o triunfo da subjetividade diante das vicissitudes e dos desastres, correspondendo a uma postura ideológica rebelde, não resignada; é a declaração da invulnerabilidade do sujeito ao mundo”. Portanto, podemos considerar que o humor gerado diante das marcas não verbais, o autoflagelo e o suicídio não causam espanto aos sujeitos; ao contrário, mascaram toda e qualquer situação problemática que a instituição escolar e sociedade apresenta.

Por fim, percebemos que o esquete apresenta, mesmo que através de estereótipos, uma sala de aula bastante heterogênea, dando uma ideia de completude, ao mostrar distintas imagens dos sujeitos-alunos. Desse modo, ao trazer diversas caracterizações, estariam representados “todos os possíveis e imagináveis tipos de alunos”.

Nesse sentido, podemos perceber o gerenciamento dos sentidos demonstrado pela mídia digital, ao apresentar os sujeitos alunos como se não houvesse margem para outras interpretações, outros sujeitos.

A última cena discursiva a seguir mostra o discurso em suas relações com o mundo exterior, a partir de condições de produção específicas, devido à pandemia ocorrida no ano de 2020, e que gerou um grande transtorno no atendimento a alunos da rede pública e particular. O ensino fundamental e médio passou por mudanças, por isso a adesão e interação, por meio de um ensino híbrido e remoto, foram necessárias.

Nesse sentido, surgiram na mídia digital muitas formas diferentes de dizer sobre esse novo método de ensino; dizeres que reatualizam uma certa memória historicamente construída de professor e aluno. Pelo grande número de visualizações e de circulação na mídia digital, o esquete sobre esses dizeres motivou a produção de vários outros esquetes na página do canal Parafernália, a respeito do assunto (aulas online).

Dentre todos os esquetes, selecionamos para nosso estudo o esquete intitulado “Frases de professor na aula online”, cuja cena descreve algumas eventualidades e comportamento dos sujeitos professor e aluno que poderiam acontecer e/ou acontecem durante as aulas virtuais; inclusive apresentando quais mudanças devem ser pensadas e aderidas ao novo método de ensino. Antes de prosseguirmos na análise, apresentamos a transcrição do esquete abaixo:

FRASES DE PROFESSOR NA AULA ONLINE

Professor: - Bom dia meus alunos, na aula de hoje

Aluna: - Professor! Professor o senhor está mutado.

Aluna: - Continua mutado!

Professor: - Alô, alô.

Aluna: - Foi, foi agora.

Professor: - Como eu estava dizendo, as mitocôndrias. Elas têm o papel...

Aluna: - Professor mudou de novo.

Professor: - Por que? Quando acontece ...

Professor: - Psiu!

Professora: - Vocês estão muito quietos, tem alguém aí ainda?

Professor: - E outra coisa, nem adianta ficar procurando no google não porque não vai encontrar. Só assim pra vocês ficarem calados mesmo, né!

Professora: - Nem mutado vocês ficam calados.

Professor: - Gostaria de lembrar que é proibido usar aparelho celular, ta ok.

Aluna: - Oh professor, a aula é online.

Professor: - Pati sai de sala.

Aluna: - Que sala?

Professor: - Vai para o seu quarto então.

Aluna: - Eu já estou no meu quarto.

Professor: - Então faz o seguinte, bloc.

Professora: - Alguém sabe como coloca gráfico aqui na tela?

Aluna: - Eu sei!

Professora: - Sai de sala. Falei para ficar mutada.

Professor: - Isso faz com que os chimpanzés tenham um mecanismo de defesa natural. Oh, Pati você está rindo de quê? Tem algum palhaço aqui por acaso?

Professora: - Tá querendo vir explicar matéria no meu lugar? Então para de falar.

Professor: - Então pessoal, a gente pode analisar a inércia, até mesmo numa estação de trem, quando você percebe que o trem está parando e ele, ooo Iuri porque você está trocando de roupa durante a aula?

Professora: - tão achando que estão em casa?

Aluna: - Sim! Pandemia.

Professora: - Sai de sala.

Professor: - Gostaria que vocês fizessem os exercícios da página 74 até a página 272. Ah, eu também enviei 50 questionários para o e-mail de vocês. Aproveitem para estudar nesse tempo livre que vocês têm, porque a prova é amanhã.

Professora: - Ainda bem que vocês só estudam, imagina se trabalhassem também.

Aluna: -Discurso chato, hein.

Professora: - Patrícia, você não está mutada.

Aluna: - Aí, sai de sala.

Professora: - É muito importante vocês entenderem que acon.. mose... é compl... deu pra entender?

Aluna: - Super! Tranquilo, adorei a sua matéria, é muito boa.

Professor: - Isso é muito interessante o próprio Albert Einstein tinha uma teoria falando sobre isso, eu acho que eu tenho esse livro aqui em casa. Só um minutinho.

Aluna: - Bela cueca também ...

Professora: - Eu quero saber quais são os vegetais que fazem as fotossínteses. São vegetais ou são do reino dos animais?

Professor: - Vem cá, vocês não acham que já estão grandinhos demais para ficar de palhaçada não? Falta de maturidade cara, como é que pode. Mãe agora não eu estou dando aula, mãe leva isso pra lá.

Mãe: -Você não está comendo direito, heim pompom.

Professor: - Agora não, mãe! Depois.

Mãe: -Toma seu leitinho.

Professor: - Depois, caraca.

Professora: - Quem botou esse rock? Quem botou esse rep? Quem botou esse fank proibidão do segundo álbum da Mc Debinha quando ela ainda tinha cabelo azul e dente separado. Pode se acusando. Vai sair de sala! Professora:

- Mas antes vai me passar as faixas porque eu achei interessante pra fazer academia.

Professor: - Mas então, vocês fizeram os exercícios que eu mandei as três e vinte da manhã?

Professora: -Vamos lá! Vocês vão copiar as páginas cinquen ... pati esse passou rapidinho atrás de vocês é seu pai?

Aluna: - hurumm

Professor: - Olha se você quiser eu te dou umas aulas depois da pandemia em casa.

Aluna: - Você tá brincando, né?

Professora: - Que foi gente!

Aluna: - Qual é a página? Fala qual é a página, cinquenta e ...

Professora: - Quatro.

Professor: - Pessoal, só uma dúvida. Alguém pode me ajudar a aumentar o volume do microfone aqui, por favor!

Aluna: - Eu, eu! Estou aqui te ajudo.

Professor: - Oh Pati, você me ajuda. Obrigado, hein! Está vendo só gente, a Patrícia ai, é uma aluna exemplar, uma aluna atenciosa, que me enche de orgulho. De vez em quando eu brigo com ela um pouquinho, mas ela vai ter sempre um lugarzinho aqui, guardado no meu peito.

Aluna: - Obrigada! Você é um querido.

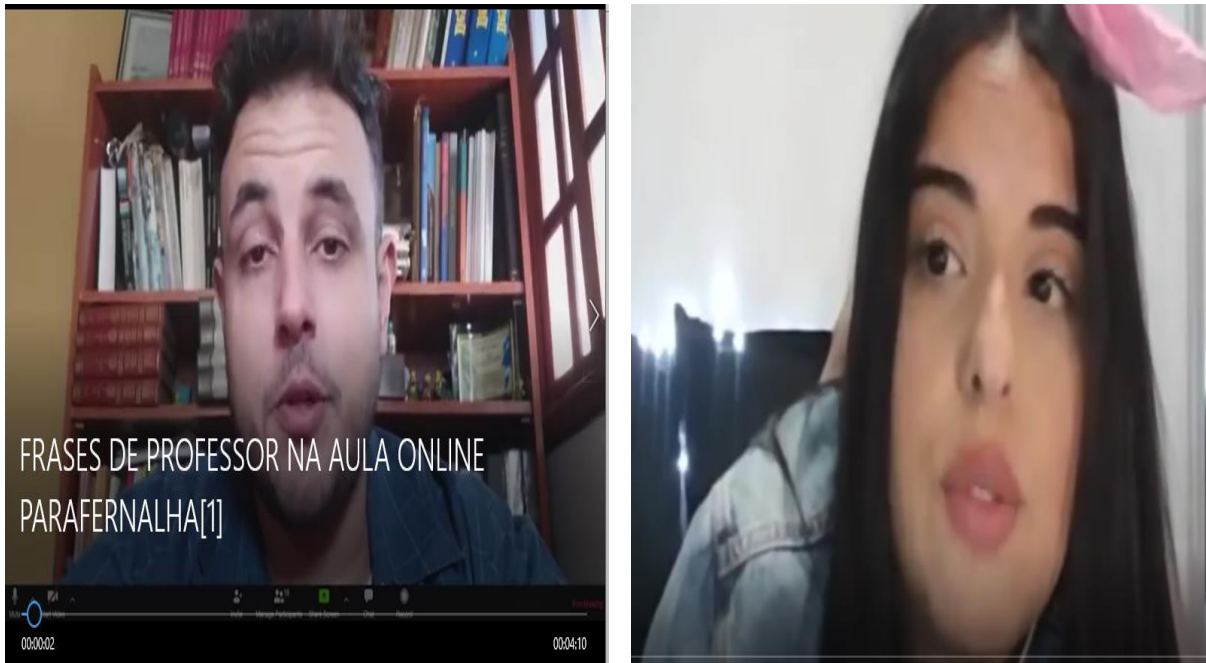
Professor: - E aí, como é que faz Pati?

Aluna: - alt F4

Professor: - tá vendo como é que faz gente. Oh, maravilha. Obrigada! Sejam que nem a Patrícia. A Patrícia é sensacio

Agora, observemos o recorte 11, a seguir, que contribui com a visualização da sequência discursiva que será analisada.

Figura 11 - Frases de Professor na aula online



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-1Y7QcUKf1Y>

Para melhor compreendermos os possíveis efeitos de sentido que emergem desse esquete, selecionamos a seguinte sequência discursiva:

SD9:

Professor: - Bom dia, meus alunos, na aula de hoje ...

Aluna: - Professor! **Professor, o senhor está mutado.**

Aluna: - **Continua mutado!**

Professor: - Alô, alô.

Aluna: - Foi, foi agora.

Professor: - Como eu estava dizendo, as mitocôndrias. Elas têm o papel....

Aluna: - Professor **mutou de novo.** (Grifos nossos)

Vale a pena destacar que mutar é um neologismo, que em inglês significa “mute”, ou seja, ato de deixar mudo, de silenciar.

De acordo com a SD9, percebemos que o professor, logo ao iniciar a aula online, é avisado pela aluna que está mutado, mas o que o professor não percebe é que foi mutado por um aluno, é possível dizer que o silenciamento dado ao professor mostra efeitos que significam como os estudantes atualmente preferem não ouvir os professores e seus ensinamentos, o que supostamente nos dá indícios da falta de preocupação e interesse dos alunos com seu desenvolvimento intelectual. Acrescente-se, e principalmente, desperta a atenção para um olhar sobre o modo como essa expressão (mutado) faz significar o professor. Nesse novo sistema de ensino, reverberam efeitos de sentido de um professor substituível pela tecnologia. O sujeito

professor tanto é silenciado pelos sujeitos alunos quanto pela própria tecnologia, ao passo que não têm o domínio sobre ela, como podemos perceber nessa sequência discursiva:

SD10:

Professor: - Pessoal, só uma dúvida. Alguém pode me ajudar a **umentar o volume do microfone** aqui, por favor! **Grifos nossos**)

Notamos pelo excerto outro efeito de sentido, o da resistência que se dá pelo fato de utilizar a tecnologia não apenas como lugar de diversão e divulgação do trabalho educacional, mas também em querer fazer-se ouvir, “aumentar o volume do microfone”. É possível adquirir conhecimento utilizando a tecnologia sem propriamente a presença física do sujeito professor. Aqui, apaga-se a autoria do professor e do aluno como produtores de conhecimento, gerando uma alienação na medida em que é a tecnologia que se sobressai e não os sujeitos.

Nesse sentido, a análise corrobora a seguinte reflexão:

nos processos discursivos há sempre “furos”, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência. Os discursos – onde se articulam sistemas significantes e ideologia – não são máquinas discursivas perfeitas. (ORLANDI, 2017, p. 213-214)

Nessa direção, a autora assevera que há sentidos cristalizados, e que, pelas “falhas”, o sentido sempre pode ser outro, principalmente, na contemporaneidade atravessada por aparatos tecnológicos diversos em que a educação se faz no conflito do antigo com o moderno.

O moderno se caracterizaria pelo uso da tecnologia na instituição escolar e, segundo Pfeiffer (2001, p. 42), existem funcionamentos discursivos que “produzem, no imaginário, a mídia como uma das saídas, um dos escapes por onde se pode salvar a educação falida de nosso País: sua função, entre outras, é a de resgatar a educação.”

Chamamos a atenção ainda para o fato de os esquetes, valendo-se de sentidos já naturalizados, preconceituosos, que parte de discursos conservadores e levando em consideração o cenário atual, vêm desvelar discursos que mostram a instituição escolar, o sujeito professor e aluno desautorizados, os professores enquanto sujeitos despreparados como forma de crítica social, por meio do campo da comicidade.

Quanto ao segundo movimento de interpretação, reparem que o trabalho de arquivo, como já elencamos anteriormente, enquanto institucionalização e estabilização de sentidos sobre educação nesse contexto de aulas online, estabelece uma direção de leitura, que segundo Menacho (2020, p. 129), “formula e coloca em circulação certa representação de educação e, a

partir desta, também formula e coloca em circulação outras representações, como a de um (novo) sujeito-professor e a de um (novo) sujeito-estudante”.

Sendo assim, temos uma representação de professor, aluno e instituição escolar que são apresentados como sendo obrigados a se reinventar de acordo com esse novo método de ensino remoto, que, diante da situação emergencial de pandemia, tenta superar os desafios de ensino aprendizagem no meio educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o empreendimento de nossa análise, vale ressaltar que, no cenário da produção midiática do século XXI, o discurso humorístico tende a significar ou provocar o riso de outros modos, com suas variadas manifestações. Nesse sentido, o discurso humorístico desestabiliza o discurso midiático por meio das críticas e denúncias que trazem em seu bojo.

A despeito do discurso de humor, considerando-o como um funcionamento discursivo da linguagem e uma forma crítica e descontraída de o autor dos esquetes analisados demonstrar seu gesto de interpretação sobre as questões sociais, compreendemos sua capacidade de legitimar as diversas posições ideológicas.

Decorrente do objetivo geral de compreender, pelo viés humorístico, o modo como circulam na mídia as representações da instituição escolar e o lugar que ocupam os sujeitos professor e aluno, recortamos dos esquetes a linguagem verbo-visual que descrevessem dizeres dos/sobre instituição escolar, professor e aluno para que pudéssemos analisar o funcionamento da memória discursiva nesse objeto.

Nessa linha de estudo, tornou-se de extrema pertinência analisar o discurso humorístico tanto pela linguagem verbal quanto pelo visual, para que pudessem ser entendidos e problematizados os fatores ponderáveis que provocaram o riso.

A imagem em sua materialidade, a partir do interdiscurso, produz sentidos, mas não de forma isolada, e sim observada pela ideologia. Mesmo o conteúdo dos esquetes terem sido produzidos tempos atrás, ainda, sua veiculação e circulação está ligada à imagem do que seria o reflexo da realidade.

Podemos depreender na pesquisa sobre o modo como a mídia faz circular o imaginário de educação pelo viés humorístico, tratada aqui, que o elemento de regularidade dos discursos não se concentra totalmente na relação entre instituição e seus representantes; pelo contrário, percebemos pelos efeitos de sentido que o modo de resistir foi construído pelo que se disse e diz sobre educação.

À medida que as produtoras de humor (re)produzem e/ou retomam os estereótipos de sujeitos professor e aluno, elas também criticam o discurso conservador. Assim, os esquetes marcam fortemente a imagem calcada e legitimada na e pela mídia em um discurso que direciona a compreensão dos sujeitos professor-aluno para discursos já postos por uma formação discursiva controladora. Basicamente, a leitura que pudemos fazer é de um sujeito professor interditado, não é dado ao professor e aluno o lugar de produtor do conhecimento.

Apaga-se a autoria do professor e do aluno, o que, de certo modo, gera uma alienação na medida em que é a tecnologia que se sobressai e não os sujeitos.

Em outras palavras, pudemos compreender, pela análise, que os sentidos da instituição escolar, significados no discurso humorístico pelos esquetes digitais, dão visibilidade para a desconstrução do imaginário de que a instituição escolar e o professor detêm o saber e o poder, principalmente ao apresentar repetidamente através de modos caricatural e estereotipado os sujeitos professor e aluno. Da mesma forma, esses discursos reverberam que os “novos” modos de se fazer humor pela mídia digital, ao dizer aquilo que não é aceitável em determinados contextos, fazem irromper, em sua grande maioria, um discurso de resistência, ficando mais evidente no fazer artístico da produtora Porta dos Fundos pelo uso recorrente da ironia para produzir o efeito de humor.

Obviamente, o trabalho não termina por aqui e, outros pesquisadores poderão debruçar-se sobre o tema e dele extrair outros sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Guilherme; SILVEIRA, Juliana da. Pós-verdade e fake news: equívocos do político na materialidade digital. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Flávio da Silva (org.). **Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- ARAUJO, Adão. **O Lúdico e o Lúcido: Para uma linguística do humor linguístico**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- BENITES, Flávio Roberto Gomes. **Eufemismos e representações identitárias em fronteiras migratórias**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 283-296, ago./dez. 2017.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 10 de novembro de 2020
- BRESSANIN, Joelma Aparecida. A discursividade da mídia na construção de sentidos para o sujeito-professor. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 1, p. 87-97, jan./abr. 2018.
- DALTOÉ, Andréia da Silva; FERREIRA, Ceila Maria. Ideologia e filiações de sentido no Escola Sem Partido. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 209-227, jan./abr. 2019.
- DIAS, Cristiane. **A língua em sua materialidade digital**. In: III SEAD, 2007, Porto Alegre, Anais, Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/CristianeDias.pdf>. Acesso em: 20/09/2019.
- DIAS, Cristiane. **e-urbano: a forma material do eletrônico no urbano**. In: DIAS, C. (org.) **e-urbano**. LABEURB/NUDECRI/UNICAMP: Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/index.htm>> Acesso em: 22 de julho de 2019.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set.-dez. 2015
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1905.
- GOMES, Graziella Steigleder. **Discurso humorístico-preconceituoso como crítica social? O caso da Senhora dos Absurdos**. 2017. 83 p. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 3ª ed, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p.161-183.

GRIGOLETTO, Marisa. **A resistência das palavras: discurso e colonização britânica na Índia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

GRIGOLETTO, Evandra. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. In: FLORES, Giovanna Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Susy; PFEIFFER, Claudia Castellanos. (orgs.) **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 145-169.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; CAZARIN, Ercília Ana; GRIGOLETTO, Evandra. (orgs.) **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: UFRGS, p. 9-33, 2008.

LAGAZZI, Suzy. **Linha de passe: a materialidade significativa em análise**. RUA, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 173–182, 2015. DOI: 10.20396/rua.v16i2.8638825. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638825>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

MEDEIROS, Caciane Souza de. O discurso da inclusão pela diferença na relação mídia e sociedade. In: Ferreira, Eliana Lucia e Orlandi, Eni Puccinelli.(org). **Discursos sobre a Inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014.

MENACHO, José Ricardo. Os discursos da mídia e o novo normal para a educação: “quando readequar é preciso”. In: MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor [et al.]. **Educação Superior na (pós) pandemia: práticas em construção em universidades brasileiras**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2020.

MIRANDA, Alessandra; COSTA, Julia; HENRIQUE, Gustavo; HELENA, Larissa. Produção transmidiática: o caso do Porta dos Fundos. 2018. Disponível em <http://labcon.fafich.ufmg.br/producao-transmidiatica-o-caso-do-porta-dos-fundos/>. Acesso em: 23 de setembro de 2020.

MOTA, Ilka de Oliveira. **A comicidade no contexto linguístico escolar: quadrinhos de humor em livros didáticos de inglês como língua estrangeira**. Campinas, SP: 2010. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 101-142.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Recortar ou segmentar?** In: *Linguística: Questões e Controvérsias*. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09-26.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Efeitos do verbal sobre o não verbal**. Campinas, SP: Rua, 1:35-47, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. 4. ed. Campinas, Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 2014a. p. 59-159.

PÊCHEUX, Michel. A Análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (org.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (org.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014c.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014d.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. In: Papel da Memória. Pierre Achard [et al.] Tradução: José Horta Nunes. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**: Tradução: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). 7ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. Escola e divulgação científica. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001, p. 41-58.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. O leitor no contexto escolar. In: ORLANDI, Eni P.(Org) **A Leitura e os Leitores**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 87-104.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**. Análises linguísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas de discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e análise de discurso**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018.

STEFANICZEN, Josemara. **As condições de produção dos discursos: uma análise reflexiva nas charges do facebook**. Rev. Travessias. 2015; 10(2/24):236-252.

SCHMITZ, John Robert. 1996. **Humor: É Possível Traduzi-lo e Ensinar a Traduzi-lo?** TradTerm, **3**. Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – FFLCH-USP. São Paulo: 87-97.

SCHMITZ, John Robert. 1998. **Sobre a Tradução e o Ensino: O Humor Levado a Sério.** TradTerm, **5.2** Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – FFLCH-USP. São Paulo: 41-54.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Esquete: caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros.** Revista Olhares & Trilhas. Uberlândia, vol. 19, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/view/40213/27028>

VELASCO, Ariane. **Fenômenos de visualizações: os maiores canais do YouTube no Brasil e no mundo.** 2019. Disponível em <https://canaltech.com.br/redes-sociais/os-maiores-canais-do-youtube-no-brasil-e-no-mundo-fenomenos-de-visualizacoes-142141/> Acesso em: 19 de agosto de 2020.

<https://veja.abril.com.br/educacao/para-ministro-da-educacao-filmar-professores-em-aula-e-direito-dos-alunos/>